

Departamento de Sociologia

**Leitura do Real no Comentário Político: Construção de Quadros e  
Autorreferência**

**Tomás Goldstein**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação

**Orientador:**

**Doutor Tiago José Lapa da Silva,  
Professor Auxiliar Convidado,  
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa**

**Coorientador:**

**Doutor Pedro Miguel Pereira Neto,  
Professor Auxiliar Convidado,  
Escola Superior de Comunicação Social - IPL**

[maio, 201

"By means of the spectacle the ruling order discourses endlessly upon itself in an uninterrupted monologue of selfpraise. The spectacle is the selfportrait of power in the age of power's totalitarian rule over the conditions of existence. The fetishistic appearance of pure objectivity in spectacular relationships conceals their true character as relationships between human beings and between classes; a second Nature thus seems to impose inescapable laws upon our environment. But the spectacle is by no means the inevitable outcome of a technical development perceived as natural; on the contrary, the society of the spectacle is a form that chooses its own technical content. If the spectacle - understood in the limited sense of those "mass media" that are its most stultifying superficial manifestation - seems at times to be invading society in the shape of a mere apparatus, it should be remembered that this apparatus has nothing neutral about it, and that it answers precisely to the needs of the spectacle's internal dynamics. If the social requirements of the age which develops such techniques can be met only through their mediation, if the administration of society and all contact between people now depends on the intervention of such "instant" communication, it is because this "communication" is essentially oneway; the concentration of the media thus amounts to the monopolization by the administrators of the existing system of the means to pursue their particular form of administration. The social cleavage that the spectacle expresses is inseparable from the modern State, which, as the product of the social division of labor and the organ of class rule, is the general form of all social division. "

Guy Debord, *The Society of the Spectacle*, 1994, Zone Books.

Para a minha avó.

## **AGRADECIMENTOS**

À minha mãe, que tudo percebe sem eu saber, e ao meu pai, que nunca falha. Por sempre me terem deixado escolher.

Francisca, como se dissesse água. Pelo infindável.

À minha irmã, por me ouvir só às vezes.

À Joana, por (não) crescer comigo. Ao Diogo, pela honestidade.

À Tia, pela disponibilidade e ao Tio, pela incitação. À Tia dra, pela generosidade. Ao Fernando, ao André e às pequenas.

Ao Avô, pelas histórias. À Nana e Tios MJ, LM, S e L, que não estando estão sempre.

Ao Pedro, por ser genuíno.

Ao JD, pelos anos todos. Ao Francisco, pela motivação. Ao Tordo, pela alucinação.

À Agenda: Andreia, Filipa, Joana, Manuel, Manuela, Patrícia e Susana, pelo inesperado.

Ao GMCS e ao Dr. Sérgio, pela disponibilidade.

Aos orientadores, Tiago e Pedro. E Diogo.

À Caterina, que sabe tudo.

*Foi com o maior desgosto que me vi forçado a adulterar o texto, tendo sido indeferido o meu pedido para não escrever segundo as novas normas ortográficas.*

## **RESUMO**

Os meios de comunicação estão envolvidos na constituição do mundo social. A discrepância entre o mundo real e o mundo mediático impõe averiguações. Ao utilizar-se a si mesmo como referência para a cobertura jornalística, produção noticiosa e exposição de opiniões, os meios de comunicação constituem um simulacro do real que se tende a ocupar com pseudoacontecimentos: reportam-se a acontecimentos cuja origem são os próprios meios, numa lógica autorreferencial. Paralelamente, a publicação de opiniões da elite levanta questões relacionadas com o enquadramento dos acontecimentos nos espaços de comentário político. Em vez de ser o evento a governar a cobertura, são os meios, através dos comentadores, que a determinam. Será que o comentador político privilegia o *enquadramento autorreferencial*? Em que medida? Além da preferência por este tipo de quadros, concluiu-se a extrema relevância de quadros gerais, divididos em *jogo-estratégia* e *personalização*; todos com predomínio sobre quadros substantivos.

## **ABSTRACT**

*The media are involved in the construction of the social world. The discrepancy between the real world and the media world impose investigations. Using itself as a reference for journalistic coverage, news production and opinion publication, the media constitute a simulacrum of reality which tends to focus on pseudo-events: reporting events whose origins are the media themselves, creating a self-referential logic. At the same time, publishing opinions of the elite rises questions related to the framing of events within media political commentary. Replacing the event, the media are the ones who, through commentators, determine the coverage. Does the political commentator give privilege to self-referential framing? To which extent? Besides the preference for these type of frames, we also found extreme relevance of generic frames, divided between game frame and personalization frame; all of them dominated over issue-related or substance frames.*

## **PALAVRAS-CHAVE**

efeitos mediáticos, enquadramento, construção de quadros, pseudoacontecimento, hiper-realidade, simulacro, comentário político, opinião, autorreferência, lógica autorreferencial.

## **KEYWORDS**

*media effects, framing, pseudo-event, hyper-reality, simulacra, political commentary, opinion self-reference, self-referential system.*

## ÍNDICE

Agradecimentos

Resumo e Palavras-chave

Índice Geral, Índice de Quadros e Índice de Figuras

<b>Capítulo I - INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo II - O REAL MEDIADO POR QUADROS AUTORREFERENCIAIS .....</b>	<b>5</b>
2.1. A realidade autorreferencial dos media .....	5
2.2. A construção de quadros.....	8
2.3 Da opinião política mediada .....	14
<b>Capítulo III - ANÁLISE DE CONTEÚDO E QUADROS MEDIÁTICOS .....</b>	<b>18</b>
3.1. Método quantitativo e qualitativo .....	18
3.2. Análise de quadros mediáticos .....	21
<b>Capítulo IV - ENQUADRAMENTO E AUTORREFERÊNCIA NO COMENTÁRIO TELEVISIVO .....</b>	<b>23</b>
4.1. Pressupostos, questões e o meio televisivo .....	23
4.2. Programas de comentário político .....	24
4.3. Substância, Generalização e Autorreferência .....	26
<b>Capítulo V - O COMENTÁRIO POLÍTICO NA TELEVISÃO PORTUGUESA .....</b>	<b>29</b>
5.1. Apresentação dos dados .....	29
5.2. Exploração qualitativa dos resultados.....	32
<b>Capítulo VI - CONCLUSÃO.....</b>	<b>39</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>41</b>

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 4.1. Modelo de Análise.....	26
Quadro 4.2. Generalização e Autorreferência.....	28

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 2.1. Perspetiva da investigação de quadros .....	11
Figura 2.2. Processo de enquadramento .....	12
Figura 5.1. Distribuição de comentários.....	30
Figura 5.2. Quadros jogo e quadros personalização .....	30

## I - INTRODUÇÃO

*The news is not a mirror of social conditions, but the report of an aspect that has obtruded itself. The news does not tell you how the seed is germinating in the ground, but it may tell you when the first sprout breaks through the surface. It may even tell you what somebody says is happening to the seed under ground. It may tell you that the sprout did not come up at the time it was expected. (Walter Lippmann, 1922,341)*

A crescente hipermediatização do mundo social tem despertado interesse para os mais diversos estudos sobre meios de comunicação de massas, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. A própria penetração dos meios de comunicação social na sociedade foi-lhes atribuindo diversos papéis ao longo da história; desde o plano meramente informativo, ao educativo e socializador, ao interventivo e construtor da realidade social. Num estudo sobre a influência dos media, Philip Habel (2012) destaca duas funções democráticas por eles desempenhadas: reportar notícias e oferecer opiniões. Como se verá, foi nesta última função que nos decidimos concentrar.

O meio de comunicação de massas é teoricamente um veículo transmissor do mundo real, cuja existência permite espelhar realidades às quais de outra forma a população dificilmente teria acesso. No entanto, a academia debruçou-se, desde cedo, sobre o papel interventivo dos media na realidade. O interesse pelas questões de influência levou a um subcampo da pesquisa na área da comunicação designado por efeitos mediáticos ou *media effects*. Neste campo científico importa, não só tentar medir os efeitos dos media na opinião pública mas também perceber - antes das consequências - a construção desses mesmos efeitos. Foi nesta construção de um dos efeitos em que nos baseámos: o *framing*.<sup>1</sup> Este *enquadramento* dos acontecimentos é designado por construção de quadros, no sentido em que os meios de comunicação - mais do que fornecer ao público elementos sobre o que pensar - têm o potencial para, apresentando o assunto de um determinado ângulo apenas, criar quadros interpretativos sobre o mesmo. Neste trabalho propôs-se averiguar da preferência por determinados quadros (*frames*).

O foco da presente dissertação incidiu sobre o enquadramento dado aos acontecimentos por parte dos media de opinião. Interessou-nos sobretudo a questão da discrepância entre o acontecimento real e o acontecimento nos media. Daniel Boorstin (1961) debruçou-se sobre pseudoacontecimentos, referindo-se ao conteúdo dos meios, sugerindo que,

---

<sup>1</sup> Conceito introduzido a partir de teorias do agendamento propagadas por Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972) e discutidos longamente na academia desde então.

mais do que cobrir, eles têm a capacidade para *criar* eventos<sup>2</sup>. Chamou-lhes *pseudoacontecimentos* por se tratarem de acontecimentos que não existem no mundo real exterior aos meios: se não fossem estes, tais acontecimentos não teriam lugar (um debate televisivo, por exemplo). Jean Baudrillard (1981) veio prosseguir esta linha de pensamento indicando que os media muitas vezes se reportam a um real inexistente, i.e., simulado. Ambos se referem a acontecimentos impulsionados pelos media, ou seja, que não teriam existido sem estes últimos. E mesmo quando se referem a um acontecimento real, exterior, concreto, os meios desempenham um papel central no desenvolvimento desse, na medida em que são donos da sua cobertura (Vasterman, 2005).

Esta ideia de os media se reportarem a eles mesmos sugere uma lógica autorreferencial. A premissa que resultou de uma extensa análise da literatura e despoletou interesse a esta dissertação tem a ver com a referência que os meios fazem a acontecimentos gerados ou potenciados por eles próprios: a autorreferência. Se os meios de comunicação social moldam e influenciam o curso dos eventos, acabam por ser eles mesmos criadores de eventos que não teriam existido na sua ausência. Este trabalho de reflexão e investigação centrou-se na ideia de progressivo afastamento da substância inerente ao evento real inicial, tentando perceber se e como é que vão sendo feitas as referências a eventos criados pelos meios. Investigou-se estas questões através de uma análise de conteúdo a programas de comentário na televisão portuguesa, onde se procurou averiguar a presença da lógica autorreferencial.

Se é verdade que o comentário político é influenciado pela agenda mediática, também não é menos verdade que ele próprio, por sua vez, influencia a agenda e as notícias: a opinião expressa vai ser posteriormente transmitida como notícia (Habel, 2012). Essa opinião ou notícia sobre a opinião será, ainda, alvo de discussão por outro comentador político, o que sugere uma lógica circular de autorreferência. Esta ideia de produção autorreferencial consiste, assim, no facto de os meios deixarem de ser transmissores do mundo real e *exterior* para se focarem em acontecimentos autogerados. Quando um comentador se ocupa de discorrer sobre este tipo de acontecimentos, está a contribuir para uma lógica autorreferencial no mundo mediático, no lugar de uma lógica de reflexo ou espelho do real.

---

<sup>2</sup> Daniel Boorstin considerava que a não-realidade, infiltrando a sociedade, estava a substituir o autêntico pelo maquinado. Em 1960, antes da publicação do livro, Boorstin já tinha apresentado estas ideias. Aquele fora o ano em que as imagens do debate televisivo Nixon-Kennedy tinham afetado as perceções do público.

Enquanto há já inúmeros estudos sobre os *media informativos* (Noelle-Neumann e Matthes; Kepplinger e Habermeier, 1995; Semetko e Valkenburg, 2000; Vasterman, 2005) há consideravelmente menos investigações que incidem sobre *media opinativos*. O comentário político permite às elites veicular as suas preferências e vontades, podendo privilegiar um assunto em vez de outro, um ângulo de análise em vez de outro, uma palavra em vez de outra: representa uma leitura do real, o que implica necessariamente a existência de outras. A isto chamámos poder *enquadrar* os acontecimentos - os espaços de comentário político constroem quadros (*frames*) ao opinar. A saliência de determinado aspeto do acontecimento pelo comentador constitui a construção de um quadro, o que levanta questões sobre até que ponto o comentador enquadra o acontecimento ou facto político através de uma lógica autorreferencial, (re)produzindo pseudoacontecimentos. Imaginando que o facto político em análise é um conjunto de propostas de um partido, o enquadramento autorreferencial será, em vez de as discutir e descomplexificar, comentar o assunto em função de outros artigos de opinião e outros pseudoacontecimentos similares que resultam da intervenção mediática.

Assim, esta dissertação propôs, através da agregação das duas principais linhas de pensamento - a representação do real e o enquadramento - averiguar até que ponto o enquadramento do acontecimento é feito através de quadros autorreferenciais. A observação consistiu numa análise de conteúdo quantitativa e qualitativa de dois programas de comentário político ao longo de seis semanas. Formulou-se a seguinte questão de partida:

*Em que medida é o comentário político construtor de quadros autorreferenciais?*

Após a análise do estado da arte, considerou-se pertinente averiguar que outros tipos de enquadramento o comentador prefere, além do autorreferencial: se um enquadramento centrado na substância do acontecimento, em que desconstrói o seu conteúdo concreto e desconstrói a complexidade do real, ou se antes um enquadramento genérico, centrado, por um lado, em questões do jogo político, tais como estratégia eleitoral e dinâmicas de combate e, por outro, em características pessoais ou políticas dos intervenientes, sugerindo uma personalização. Aproveitou-se a investigação para perceber se há diferenças entre tipo de comentador, nomeadamente entre políticos comentadores e não políticos comentadores (jornalistas e especialistas), tendo selecionado uma amostra por conveniência para um estudo de caso exploratório e comparativo entre os dois tipos. Surgiram, assim, duas questões essenciais, subsidiárias à pergunta inicial:

- Existirá uma preferência por quadros genéricos em detrimento da substância referente ao acontecimento?

- Será que a preferência por determinado tipo de enquadramento está relacionada com o tipo de comentador?

Importa ainda referir que a pertinência da investigação se prende igualmente com o modo como um comentador pode ser, erradamente, interpretado como imparcial e objetivo - esquecendo que a sua função é efetivamente opinar. Ou por preguiça do espectador, ou pela fama e carisma do opinador, é facilmente dada primazia a escutar uma personalidade que comenta um acontecimento, do que tentar avaliá-lo só por si. Neste sentido, o espaço de opinião acaba por ser utilizado como fonte de informação. O (eventual) efeito da opinião do comentador na opinião pública caberá a estudos futuros cujo foco seja medir o efeito do nosso objeto de estudo (programa de comentário político) nas audiências.

## II - O REAL MEDIADO POR QUADROS AUTORREFERENCIAIS

Os primeiros estudos sobre o processo comunicativo de massas incidiram prontamente sobre a tentativa de compreensão da natureza e extensão da influência mediática. No final dos anos de 1940 e princípio dos anos 50, a investigação assumia efeitos diretos pelos media, como mostra o paradigma desenvolvido por Lasswell em 1948<sup>3</sup>. O cientista político herdou a linearidade típica dos modelos behavioristas de estímulo-resposta, em que um emissor ativo provoca uma reação a um estímulo por ele emitido num recetor passivo. Anos mais tarde (1955) Katz e Lazarsfeld mostraram que o poder mediático era sobrestimado, substituindo a linearidade básica por um modelo em duas etapas<sup>4</sup>. Numa primeira fase, a informação mediática seria recebida por indivíduos que seguem os meios de comunicação de massas e suas mensagens ("*opinion leaders*") que iriam, numa segunda fase, transmitir a sua própria interpretação do conteúdo mediático aos restantes. Nos anos subsequentes a discussão passou a incidir sobre se os meios influenciam comportamentos e atitudes ou antes reforçam atitudes já existentes. Page e Shapiro (1992) concluíram que a cobertura televisiva, mais do que determinar a importância de dado assunto, servia de preditor das mudanças na opinião pública relativamente ao mesmo. McQuail (1997, *citado por* Macnamara, 2006:9) resume assim a evolução da investigação nos meios de comunicação de massas:

In the early days of mass communication research, the audience concept stood for the body of actual or intended receivers of messages at the end of a linear process of information transmission. This version has been gradually replaced by a view of the media receiver as more or less active, resistant to influence, and guided by his or her own concerns, depending on the particular social and cultural context.

### 2.1. A realidade autorreferencial dos media

O afastamento do mundo real e exterior aos media, isto é, do mundo tal como seria sem a existência daqueles, consiste num fenómeno antigo e transdisciplinar que tem sido discutido por filósofos, sociólogos, politólogos, psicológicos sociais e especialistas em comunicação e

---

<sup>3</sup> Harold Lasswell desenvolveu a *hypodermic needle theory*. Esta teoria centrava-se na lógica de que uma mensagem mediática era diretamente injetada (como que por uma agulha - *needle*) no cérebro de uma audiência passiva e homogénea, que reagiria de forma unânime ao estímulo. A teoria é também conhecida como *magic bullet theory*.

<sup>4</sup> A *two-step flow theory* já tinha sido proposta por Lazarsfeld et al. em 1944 e insere-se nas teorias dos efeitos limitados que contrastam com a teoria anterior. O público deixa de ser visto como uma massa homogénea.

estudos dos media. A presente dissertação englobou essencialmente dois campos de investigação: efeitos mediáticos e comunicação política. É de salientar que este último não se refere ao marketing político mas antes à relação simbiótica entre os media e a política. A sua indissociabilidade tem vindo a tornar-se cada vez mais clara, tendo dado aso a uma discussão concreta, na qual também nos baseamos: "*Do media lead or follow?*" (Habel 2012:260). Esta questão insere-se na discussão sobre se os meios tendem a influenciar atitudes políticas ou antes a espelhá-las.; se eles se limitam a refletir uma realidade que lhes é exterior ou têm antes um papel de influência sobre os contornos dessa realidade. No caso concreto do mundo político, a discussão incide sobre o impacto mediático na formação de opinião e conhecimento políticos, mas também se é a agenda mediática a influenciar a agenda política ou vice-versa. Será que os meios salientam determinada política pública porque ela faz parte da agenda política, ou são antes os políticos que a incluem na sua agenda por fazer parte da agenda mediática? Independentemente do sentido desta relação, todo o processo comunicativo do discurso mediado engloba a investigação de aspetos relacionados com os efeitos dos media, nomeadamente aquilo que pode acontecer a um determinado acontecimento político quando transmitido por eles, por exemplo, quando escrutinado pelos espaços opinativos. Esta lógica não implica necessariamente haver uma influência explícita no público daquela que for a forma escolhida pelo comentador para dissecar o acontecimento. No entanto, é inevitável que o meio intervenha de alguma forma, uma vez que é *intermediário* no processo. A intervenção humana gera invariavelmente alterações sobre a matéria que trata.

Relativamente à consideração sobre os media serem intervenientes na sociedade e não um mero espelho refletor, diríamos, com Carla Cruz (2008:139), que os meios:

Proporcionam uma informação vicária, substitutiva dos referentes reais por outros próprios da representação ou do simbolismo. Desta forma, os media afetam a forma como as pessoas pensam, acreditam e atuam. Os media constroem, em nome dos públicos, os valores e exercem um efeito direto nas suas ações.

Se um medium, seja de informação ou de opinião, é responsável pela tematização do espaço público e pela definição de padrões sociais, torna-se imperativo averiguar como são feitas as representações mediáticas do real. Para Jean Baudrillard (1981), os referentes reais são substituídos por referentes simulados, passando os media a constituir um simulacro do mundo real. Dado que esses referentes dos meios de comunicação são construídos por eles próprios, isto significa que os media usam como referente a sua própria simulação da realidade. É neste sentido que começamos por desenvolver, sobretudo com o contributo de Baudrillard e de Daniel Boorstin (1961) a lógica autorreferencial dos conteúdos mediáticos. Seguindo esta

reflexão, estamos perante informação apresentada como acontecimento real no mundo que, no lugar de ter origem nele mesmo, é fruto da própria intervenção mediática. Peter Vasterman (2005) sugere que as ondas mediáticas são autorreforçadas pelos próprios media. Afirma o autor que não há uma coincidência entre as ondas noticiosas e as ondas do mundo real que os media devem cobrir. Em vez disso, a informação surge "*as a result of oscillating processes within the journalistic production, making coverage more an echo of previous coverage than a mirror of events*" (Kepplinger, 1994, citado por Vasterman, 2005:510). Para a nossa reflexão teórica importa salientar que, em vez de serem os acontecimentos a governar a cobertura, são os media - através do comentador - que a determinam. Neste sentido, os media desempenham um papel central no desenvolvimento do evento real, criando uma cadeia de eventos que não teria ocorrido sem o seu envolvimento. Thompson (1995, citado por Vasterman, 2005:510) refere que:

*Rather, the media are actively involved in constituting the social world. By making images and information available to individuals located in distant locales, the media shape and influence the course of events, and indeed, create events that would not have existed in their absence.*

Assim, ao lado de Carla Cruz (2008), rejeita-se a ideia antiga anglo-saxónica que se refere aos meios como um espelho da realidade, privilegiando a nossa lógica de que os meios podem reportar-se a um real inexistente. Este "hiper-real" consiste na criação de "reais sem origem e sem realidade", o que consiste numa "simulação" (Baudrillard. 1981:2). As imagens vão, após a sua representação, ganhar significado a partir das outras; vão-se automultiplicando. Richard Lane (2000:95), referindo-se a Baudrillard, sugere o afastamento daquilo que é real e, simultaneamente, a uma "produção da realidade: as notícias são geradas por notícias, ou a fonte das notícias é, ela mesma, as notícias." Consequentemente, aquilo que é veiculado pelo meio e transmitido como real, não passa de uma simulação: tratam-se de acontecimentos que estão, a priori, inscritos nos rituais de "descodificação e orquestração" dos media e, por isso, antecipados ou condicionados pelas suas possíveis apresentação e consequências (Baudrillard, 1981:22). Daniel Boorstin tinha-se reportado, duas décadas antes, a acontecimentos deste género, designando-os por *pseudoacontecimentos*. O autor debruça-se também sobre a questão da representação nos media, sobretudo no que concerne a conceder um determinado estatuto de real ao que não é, ao que é fictício. Boorstin (1961) sugeriu que, mais do que a possibilidade de ser fornecida apenas uma determinada leitura do real, uma perspectiva e uma faceta dos eventos exteriores, os media têm o potencial para serem (ou são mesmo) geradores de pseudoacontecimentos: os meios reportam-se a acontecimentos cuja origem são os

próprios meios, i.e., acontecimentos que, sem eles, não existiriam. O autor refere-se a eventos criados e preparados com o objetivo de serem propagados pela comunicação social, como é o caso de muitos discursos públicos e conferências de imprensa. Os fenómenos reais são, assim, substituídos por uma nova realidade criada pelos meios.

Kepplinger e Habermas (1995) distinguem entre acontecimentos genuínos, mediados e encenados. Os autores sugerem que a intervenção mediática "*stimulates new activities which in turn get covered by the media*" (1995:1). Também eles consideram que os media representam um sistema autorreferencial que, em determinadas condições, perde contacto com o mundo exterior e reage sobretudo às suas próprias atividades.

Uma outra noção da autorreferencialidade, mas não distante da que temos vindo a apresentar, refere-se ao facto de os diferentes tipos de meios jornalísticos estarem incorporados num sistema de referências mútuas. Noelle-Neumann e Mathes (1987) referem que a televisão utiliza a imprensa como quadro de referência, assim como a imprensa usa a televisão como seu. Deste modo, acaba por ser notícia aquilo que outros meios consideram relevante ou noticiável. Este argumento é constatável quando, por exemplo, em programas televisivos noticiosos da meia-noite, o pivô apresenta as capas dos jornais do dia seguinte. A origem da notícia é outro meio de comunicação, usado como referência, abandonando o tratamento sobre o real independente à notícia.

Embora a fonte das notícias se insira num complexo processo de produção noticiosa (Mauro Wolf, 1987) de que não foi alvo a nossa análise, é importante não esquecer donde vem o conteúdo sobre o qual o comentador político está a opinar. Se for outro meio, então contará, naturalmente, como quadro autorreferencial. O que nos propusemos a averiguar foi precisamente a existência (ou não) do reforço constante de um quadro de referência específico quando se trata de comentar um assunto nos media, i.e. uma preferência sistemática por quadros autorreferenciais. É expectável que a preferência por este tipo de quadros acabe por marginalizar outras perspetivas - centradas na substância do assunto - privilegiando a lógica de os meios se debruçarem sobre eles próprios e, ao fim e ao cabo, se estarem a comentar mais a si, do que ao suposto: a realidade independente da intervenção deles mesmos.

## 2.2. A construção de quadros

*Like the framing of a house, a news frame creates a structure on which other elements are built.*

*There is much in a house that is not the frame, but without the frame there is no house.*

*And the frame determines the shape of the house.*

(Jamieson & Cappella, 1997)

A averiguação dos mencionados quadros de referência (ou, simplesmente, quadros) insere-se no âmbito dos efeitos mediáticos: *agenda-setting*, *priming* e *framing*. Embora esta dissertação se debruce sobre o último, que em português se traduz em enquadramento ou construção de quadros, é mister que se contextualize o plano de fundo em que se insere, sobretudo de forma a diferenciá-lo dos primeiros dois. Apesar de alguns estudos (McCombs e Shaw, 1993) considerarem que o agendamento (*agenda-setting*) engloba os outros dois efeitos, considerando o enquadramento como extensão do primeiro, numa espécie de "*second-level agenda-setting*" (Scheufele, 2000:298), privilegiou-se o isolamento da construção de quadros face aos restantes.

Diversos investigadores têm-se focado na capacidade dos meios para definir a agenda e, com ela, os assuntos que serão apresentados ao público como merecedores de destaque, o que acabará por, segundo a teoria do agendamento (McCombs e Shaw, 1972), definir aquilo sobre o que os indivíduos deverão pensar. Seguindo esta teoria, o ênfase dado pelos meios de comunicação a determinado assunto leva a que o público dê também mais importância ao mesmo (*agenda-setting*). No mesmo sentido, este é o motivo pelo qual os meios têm a capacidade de influenciar o julgamento das pessoas, fornecendo-lhes pistas (*priming*). A tradução deste conceito conduz-nos para a influência que um evento antecedente tem sobre o desempenho de um evento posterior, ou seja diz respeito ao efeito dos conteúdos mediáticos em posteriores comportamentos ou julgamentos das pessoas. Assim, o *priming* será o impacto do agendamento sobre a forma como os indivíduos avaliam determinado assunto na medida em que influencia as áreas temáticas que esses indivíduos usam para formar a avaliação (Scheufele, 2000). O enquadramento, por sua vez, é visto como "a seleção de um número restrito de atributos tematicamente relacionados a incluir na agenda mediática quando um determinado objeto está a ser discutido" (McCombs, 1997, citado por Scheufele, 2000). No entanto, embora o enquadramento implique essa saliência de determinado atributo do assunto, a perceção da importância de quadros específicos é o ponto-chave.

Segundo Boydston (*et al.*, 2013), o enquadramento de um assunto consiste na apresentação de uma perspetiva que exclui necessariamente perspetivas alternativas. Vinte anos mais cedo, Robert Entman (1993:52) propunha uma das definições mais exaustivas sobre o conceito:

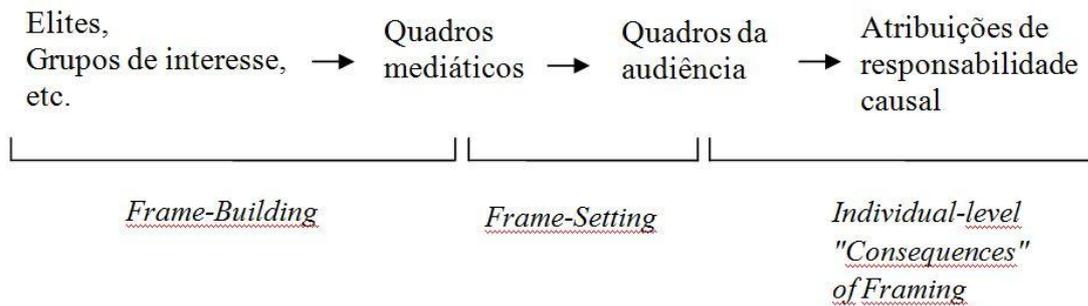
*Framing essentially involves selection and salience. To frame is to select some aspects of a perceived reality and make them more salient in a communicating text, in such a way as to promote a particular problem definition, causal interpretation, moral evaluation, and/or treatment recommendation for the item described.*

Segundo o autor, um *frame* define um problema, diagnostica causas, faz julgamentos morais e sugere soluções. Assim, acaba por ter as funções de diagnosticar, avaliar e prescrever. Posto isto, o enquadramento significa que os meios, mais do que informarem sobre *o que* pensar, mostram também *como* devem as pessoas pensar sobre *esses* assuntos a que é dado destaque. Druckman (2009) ressalva a importância da distinção entre quadros individuais e quadros transmitidos pelos processos comunicativos (nomeadamente pelos media). O autor sugere que quando um "*frame in communication*" afecta o "*individual's frame in thought*", considera-se que houve "*framing effect*" (Druckman, 2009:7). Embora a nossa pesquisa tenha incidido sobre o quadro nos meios de comunicação, importa não esquecer que muito do interesse colocado nele se deve ao facto de o mesmo - através dos aspetos de um assunto enfatizados pelo discurso da elite nos media - poder afetar a própria referência do indivíduo. Em última instância, se o quadro transmitido pelo meio for um de autorreferencialidade, também o próprio indivíduo-recetor poderá acabar por ter o clima mediático como referência absoluta do mundo real, potenciando preocupações com opiniões mediadas sobre o acontecimento, distanciando-se da substância deste último. Dito isto, a construção de quadros nos meios de comunicação social parece ser inevitável, na medida em que a representação mediática da realidade implica invariavelmente, não só uma predileção por determinados acontecimentos, como uma preferência (por determinado prisma) e uma escolha (por determinada palavra).

Ainda sobre os quadros na audiência, Van Gorp (2005) recusa a existência de um quadro individual; no seu lugar, os quadros são antes elementos culturais localizados independentemente dos indivíduos. Neste sentido, os quadros são vistos como algo que está institucionalizado na cultura, mesmo que tenha consequências individuais, uma vez que haverá sempre diferentes reações. Ainda assim, também Van Gorp sugere que um quadro não está predeterminado na ocorrência que é transformada em notícia, sendo o jornalista ou comentador que inevitavelmente a organiza quem pode fazer o enquadramento.

Considerando o número de estudos que, estudando o *framing effect*, concluíram que o mesmo pode exercer influência nas atitudes do público relativamente ao assunto enquadrado, optou-se por explorar melhor o modo como o enquadramento é feito nos media, nomeadamente pelos comentadores políticos. A preocupação da presente dissertação incide, assim, mais sobre as questões da construção do quadro referente ao assunto do que sobre as eventuais consequências a nível individual e social. À semelhança de Druckman, Dietram Scheufele distingue entre quadros mediáticos e quadros da audiência. Como se constata na figura 2.1, o autor destaca três processos distintos no âmbito do enquadramento: *frame-building*, *frame-setting* e *individual-level outcomes of framing*" (Scheufele, 2000:307).

Figura 2.1. Perspetiva da investigação de quadros



Fonte: Dietram A. Scheufele (2000:306) "An overview of framing research".

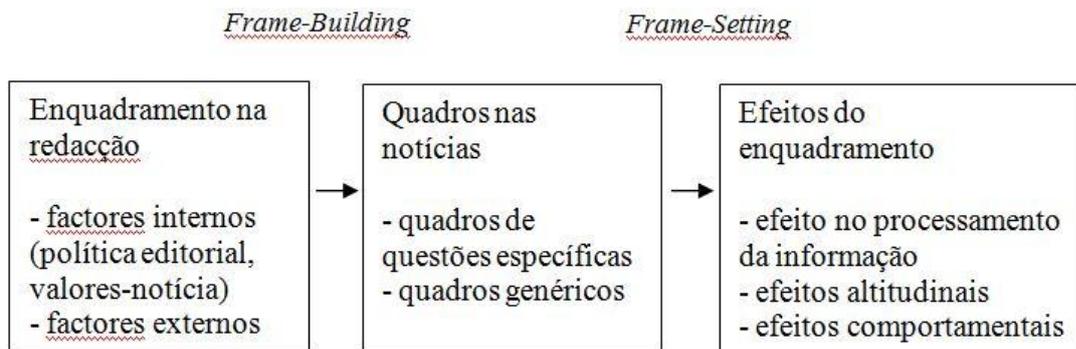
De entre os três processos de enquadramento, extraiu-se o primeiro - construção do quadro -, que foi o foco da investigação. Para futuras pesquisas ficará, deste modo, a medição do impacto que o comentário político pode ter na audiência, ou seja, como é que a opinião pessoal veiculada por uma elite nos media influenciara a opinião pública. Por agora, o que nos interessou foi tentar explorar o modo como os media evocam quadros interpretativos (que, eventualmente, influenciarão a interpretação da informação pelo espectador), nomeadamente até que ponto é que um quadro interpretativo sugerido ou transmitido pelo comentador político é produzido numa lógica autorreferencial.

O conceito do enquadramento começou por debruçar-se sobre como a cobertura noticiosa de um movimento social pode fazer uma seleção a partir de um número de diferentes estratégias (McCombs e Shaw, 1993). Desde então que os estudos têm escolhido diversas abordagens para o testar. A identificação do tipo de quadro utilizado é essencial para esta dissertação. Os académicos têm vindo a distinguir entre quadros focados na questão concreta *versus* quadros focados num tema genérico em que ela se pode eventualmente inserir. Na sua análise sobre ondas noticiosas autorreforçadas pelos próprios meios, Vasterman (2005:522) distingue entre "*incident-related news*" e "*thematically related news*", acabando por sugerir que um quadro geral guia a busca mediática por mais informação e opinião que confirme o quadro estabelecido (2005:526). Ao tirar essa conclusão, o autor infere que, mesmo não havendo mais informação sobre o acontecimento inicial, os media - na busca por mais informação - caem na tendência de se referir a outros assuntos "tematicamente relacionados", enquadrando-os sob o mesmo ângulo. Vasterman atribui culpas aos ciclos noticiosos de 24 horas em que os meios precisam de ter, permanentemente, notícias para reportar e comentar. Estes ciclos, sugere, com todos os seus prazos e obrigações, obrigam os

media a agir imediatamente e reportar notícias sem haver uma reflexão e, por exemplo, verificação dos factos. Consequentemente, existe um domínio de um só quadro durante a cobertura, à custa de outros. O autor conclui ainda que a promiscuidade entre media e entretenimento também contribui para a prevalência de notícias comercialmente interessantes em detrimento de valores como a veracidade e fiabilidade. Para a nossa reflexão sobre o comentário político, é também impossível esquecer a questão da promiscuidade entre informação e entretenimento que transforma aquele espaço opinativo num espetáculo, muitas vezes promovendo o culto da celebridade. Um espaço que pretende, em simultâneo, informar, opinar e entreter, tenderá - pressupomos - a deixar para trás a substância do acontecimento, conduzindo, porventura, a um sentido de crescente generalização da informação noticiosa.

Claes de Vreese (2005) distingue igualmente entre dois tipos de quadro idênticos aos supra mencionados: "*issue-specific frames*" e "*generic frames*". Trata-se de uma distinção que serviu de base a uma questão da dissertação, pelo que importa apresentá-la de forma esclarecedora. O autor apresenta um modelo processual do enquadramento semelhante ao de Scheufele (2000), ainda que com algumas nuances:

Figura 2.2. Processo de enquadramento



Fonte: De Vreese (2005:52) "*An integrated process model of framing*"

Embora o que nos interessa seja sobretudo a parte relativa à construção de quadros (*frame-building*) numa averiguação de preferências por determinado tipo, sobretudo o enquadramento autorreferencial, é importante ter este esquema (Figura 2.2) em conta para um melhor entendimento de todo o processo. Tem, portanto, especial relevo salientar o quadrado central, mesmo que nos centremos mais no enquadramento do assunto pelo comentador que desconstrói a notícia, do que propriamente nos quadros que ela apresenta *a priori*. Em todo o processo de criação de quadros, não parece que media opinativos e media informativos sejam indissociáveis um do outro.

A distinção entre quadros baseados na questão específica *versus* quadros genéricos é tanto útil como necessária para qualquer estudo que se incline sobre o enquadramento. Contudo, não menos relevante é a distinção entre substância ou "questão" e "*jogo-estratégia*", sendo que este último se insere no âmbito dos quadros genéricos anteriormente mencionados. Neste caso, a cobertura mediática dos factos políticos pode ser feita segundo a sua substância política, ou enquadrá-los como um jogo estratégico, privilegiando características meramente subjacentes ao jogo, como sejam campanhas, vitórias e derrotas, sondagens, entre outros (Aalberg *et al.*, 2011). Segundo os autores, os meios de comunicação social apresentam uma forte tendência para enquadrar a política desta maneira, no lugar de se focarem nas questões substantivas da discussão de ideias e políticas. Uma outra razão que torna premente a análise desse enquadramento é as possíveis consequências negativas do mesmo, há muito enunciadas. Em 1997, Jamieson e Cappella demonstraram que este enquadramento particular da política - focado no jogo - pode ter consequências negativas para a democracia, na medida em que aumenta a desconfiança e o cinismo políticos (Aalberg *et al.*, 2011). O resultado final é, de acordo com os autores, uma espiral do cinismo que "*seduces candidates into concentrating their efforts on playing the game, traps reporters into focusing ever more narrowly on that game, and alienates the public from politics*" (Jamieson e Cappella, 1977, citados por Brewer e Sigelman, 2002:25).

Além do quadro poder divergir entre, por um lado, a substância da questão (*issue*) e, por outro, jogo-estratégia, pode também incidir sobre uma personalização ou "*leadership*" (Brewer e Sigelman, 2002:26). Se o novo jornalismo político se foca menos nas mensagens políticas e mais nos motivos e táticas dos candidatos (Aalberg *et al.*, 2011), isso remete para uma crescente *personalização* da cobertura política. Assim sendo, considerou-se necessário - a par da tentativa de perceber se existe uma preferência por quadros centrados no *jogo* - averiguar a tendência para a personalização no conteúdo do comentário político, ou seja, se tende ou não a incidir sobre qualidades pessoais e políticas dos agentes. O *quadro jogo-estratégia* (ou apenas *jogo*) e o *quadro personalização* inserem-se num enquadramento genérico (em vez de substantivo) do acontecimento, pelo que foram agregados sob a etiqueta "generalização".

Paul Brewer e Lee Siegelman (2002) investigaram sobre se os cientistas políticos, quando comentam nos media, contribuem para o enquadramento focado no jogo ou se, sendo especialistas, se debruçam antes sobre questões substantivas. Para tal analisaram os comentários feitos durante campanhas políticas. Os autores concluíram que existe de facto um predomínio de quadros centrados no jogo estratégico. No entanto, isto não só acontece porque

os especialistas, à semelhança dos outros comentadores, também se debruçam mais sobre o jogo, mas igualmente devido a seleções enviesadas por parte dos media quando se trata de citar cientistas políticos e escolher as frases. Os meios tendem a procurar comentário perito que ecoe as suas preferências de enquadramento. Ainda assim, a verdade é que, segundo as conclusões dos autores, também quando publicam na academia, os peritos mostram amiúde mais preocupação com o quadro estratégico. Em defesa dos politólogos deve ser dito que não deixa de fazer sentido focar algum do seu trabalho em questões direcionadas menos para a substância e mais para a luta estratégica, uma vez que a política consiste muitas vezes numa luta entre ganhar e perder, sendo os próprios motivos dos políticos, recuperando o pensamento de Jamieson e Cappella (1997), não raramente cínicos. Brewer e Siegelman (2002:26) distinguiram três categorias de quadros: (1) a questão - em que o orador discute um assunto específico da campanha (economia, crise, etc.) e/ou a posição do candidato face a uma política; (2) a liderança - em que o orador discute as qualidades de líder do candidato (competência, integridade, ética, coragem, experiência); (3) jogo - em que o orador discute a campanha em termos de estratégia e tática (incluindo metáforas de guerra e desporto) e/ou sucesso eleitoral (o que dizem as sondagens, quem está a ganhar, quem está a perder, quais as hipóteses do candidato). Estes autores concluíram que o comentário político por cientistas políticos reforça uma cobertura focada no jogo. Embora o procedimento utilizado na nossa análise não seja o mesmo, foi fortemente inspirado nele.

Na presente dissertação propôs-se aferir se o comentário político contribui para o reforço da lógica autorreferencial presente nos media e se há diferenças entre tipos de comentador. Para além da busca por quadros autorreferenciais, procurou-se averiguar se há um predomínio do enquadramento baseado no jogo e na personalização ("Generalização" do acontecimento) face àquele baseado na substância do acontecimento.

### **2.3 Da opinião política mediada**

O estudo sobre a construção de quadros incidiu sobre a opinião mediada e mediatizada, não só pelo pouco ênfase dado, pela academia, a estes tipos de media, mas também pela importância dos espaços de comentário político na difusão e desconstrução do real (mediático). Apesar de a maioria das pesquisas incidirem sobre media informativos, desde cedo se foi percebendo a importância de controlar a opinião veiculada. Katz e Lazarsfeld (1955) sugeriram o já mencionado modelo a dois momentos cujo foco eram os "líderes de opinião", através dos quais a informação mediática era transmitida dos meios de comunicação até às massas. Os

autores referiam-se à existência, na sociedade civil, de indivíduos mais informados e atentos aos media que recebem a informação por eles emitida e a transmitem, posteriormente, a grupos menos ativos da população: media - líder de opinião - população geral. Entretanto, como os próprios líderes de opinião poderiam receber a informação também de outros líderes de opinião, assim como outros indivíduos a poderiam receber diretamente dos meios, sem passar pelos líderes, o processo é comumente referido como teoria do fluxo da informação em múltiplos passos ou momentos, em vez de se cingir apenas a dois.

A questão da existência de líderes de opinião (embora no público) justificou igualmente a pertinência da investigação, que se foca, no entanto, em líderes de opinião no interior do sistema mediático, e não fora dele. Noelle-Neumann e Rainer Mathes (1987) já tinham evidenciado o facto de meios prestigiados serem usados por outros jornalistas como fontes de informação e como quadro de referência para a sua cobertura. Os investigadores consideravam que estes líderes de opinião mediáticos ("*opinion-leader media*") têm uma função de "*trend-setting*"(1987:402), já que as interpretações que veiculam acabam por definir uma reação em cadeia nos media. Esta ideia sugere igualmente uma autorreferencialidade, na medida em que uma interpretação do real introduzida por um líder de opinião mediático é igualmente adotada por outros meios, o que, por sua vez, os leva a cobrir o mesmo argumento: "*The opinion-leader media therefore serve as multipliers whose effects go far beyond their audience, and may include the whole media system*" (Noelle-Neumann e Mathes, 1987:402). A ilação desta constatação, comprovada pelo referido estudo, é a de que - no lugar de apresentarem diferentes interpretações da realidade - os media interpretam-na de forma idêntica, ou seja, segundo o(s) mesmo(s) quadro(s) referenciais.

Esta convergência sugere uma ausência de quadros dissonantes, que pode ser perigosa quando considerado o papel dos meios de comunicação de massas na formação da opinião individual do espectador. Rita Figueiras (2005), seguindo o raciocínio da espiral do silêncio<sup>5</sup>, indica que a opinião percecionada como maioritária se torna hegemónica pelo receio do confronto e pelo sentimento de isolamento ao adotar uma posição divergente, e não por ser de facto a perspectiva consensual ou maioritária. Por conseguinte, considerando que a opinião promovida pelos media é vista pelo público como opinião maioritária, os espaços de opinião tornam-se um autêntico microcosmos da democracia.

---

<sup>5</sup> Noelle-Neumann (1993) refere a existência de uma espiral do silêncio, em que existe um silenciamento progressivo da dissonância e um desaparecimento da discordância, devido a questões de desajustabilidade social e de inclusão em grupos, face à opinião veiculada como maioritária.

A avaliação de um acontecimento político pode resultar do próprio jornalista, mas também de políticos e grupos de interesse que tenham a oportunidade de expressar as suas opiniões e julgamentos nos meios de comunicação social. Um comentador político influente poderá, ao debruçar-se sobre determinado facto político, influenciar o jornalista a fazer uso do mesmo quadro referencial numa peça posterior sobre o assunto. A opinião do comentador pode, deste modo, ser vista como uma avaliação com potencial de criar um clima sobre opinião. Noelle-Neumann e Mathes (1987) consideram o jornalismo avaliativo como uma função social dos meios de comunicação, já que acaba por criar um ambiente de opinião positivo ou negativo, a favor ou contra um assunto.

Tendo sido clarificados os motivos que nos levaram ao foco na opinião política mediada, representada no comentário político, importou ainda refletir sobre a presença de agentes políticos no espaço mediático. Enquanto, por um lado, um jornalista e um especialista (e.g. politólogo) terão as suas preferências ideológicas, as suas tendências, as suas crenças e as suas convicções (como qualquer ser humano), o ator político terá, pela natureza da profissão, mais do que isso. Desde logo, é expectável um conflito de interesses, nomeadamente entre o interesse político pessoal e a função de opinar sobre os factos políticos. Mesmo no caso de atores políticos afastados da arena política há tempo considerável, os interesses estarão sempre, pelo menos, latentes. Como se esperará, por exemplo, que Marcelo Rebelo de Sousa comente as eleições presidenciais, quando ele próprio faz parte das sondagens e mantém um clima de dúvida sobre se se candidatará ou não? É certo que num comentário não se pede objetividade; e é por isso que é igualmente controverso um jornalista exercer as duas funções: alguém que opina abertamente sobre uma política e depois escreverá ou editará uma peça - supostamente imparcial - sobre a mesma, pode condicionar a sua credibilidade, a sua objetividade, a sua isenção. Mesmo que os jornalistas (como quaisquer outros) tenham as suas posições e convicções políticas, quer as comentem em público, quer não, o facto de as exporem pode levar a uma perda da referida credibilidade. Relativamente aos agentes políticos já se disse que esperar imparcialidade num espaço de opinião seria paradoxal, pelo que é normal a sua opinião ir de encontro às suas crenças e interesses. No entanto, torna-se, no mínimo, bizarro quando o alvo do comentário de um ator político é...ele mesmo.

Antónia do Carmo Barriga (2011), no âmbito da reflexão sobre a presença de atores políticos no espaço mediático, apresenta argumentos convergentes. Desde um argumento extremo que considera as opiniões políticas expostas por políticos como mera propaganda, em que, diz a autora, Portugal é o único país com tantos dirigentes partidários a fazê-lo, até

argumentos que consideraram perigosa esta presença assídua. A autora refere que o comentador não deveria possuir nenhum vínculo a formações partidárias nem ser um político no ativo, já que conceder o momento de interpretação a estas personalidades seria oferecer-lhes tribunas privilegiadas. Barriga considera alguns efeitos decorrentes da atribuição do papel de comentador a políticos.

Leva-os a enunciar as questões na perspectiva mediática, uma vez que colocam o acento tônico na estratégia e na tática, encarando a política como jogo, ao invés de privilegiarem as problemáticas e os temas substantivos; propicia-lhes um singular exercício hermenêutico, permitindo que se coloquem no papel de intérpretes de si próprios e das informações partidárias a que se encontram vinculados (2011:16).

Relativamente a este tipo de comentadores colocarem a tónica na estratégia (desde táticas eleitorais a ataques pessoais e estratégias comunicativas) e menos na substância (que se centraria numa discussão de ideias específicas), houve já estudos conclusivos sobre esse não ser apenas o caso de políticos comentadores, mas também de académicos comentadores. Brewer e Sigelman (2002) mostraram que os académicos comentadores nos media (políticos) tendem igualmente para se afastarem de temas substantivos e privilegiarem o foco em quadros genéricos do foro do jogo. Contudo, relativamente a serem intérpretes de si mesmos, é muito maior a probabilidade que tal aconteça com agentes políticos que terão de se comentar a si próprios, do que com políticos. No que diz respeito à averiguação desta dissertação sobre o enquadramento, considerou-se pertinente perceber até que ponto um tipo de comentário político (por políticos) e outro (por não políticos: jornalistas e especialistas) divergem aquando da construção de quadros: tenderão ambos para os quadros genéricos autorreferenciais?

Resta concluir que o comentário político não terá necessariamente de exagerar ou distorcer a realidade. No entanto, intervém inevitavelmente nela a partir do momento em que está na sua génese avaliar e interpretar um acontecimento político. Afinal, um comentário é a preferência por uma determinada leitura do real. O modo como essa interpretação é feita designa-se por enquadramento. Considerou-se pertinente a agregação de duas linhas de orientação, que usualmente são investigadas isoladamente: a questão de os meios serem um simulacro que se reporta a acontecimentos despoletados por eles mesmos e a questão do enquadramento dos acontecimentos através de uma preferência clara por determinados quadros foram fundidas numa pesquisa sobre o comentário político. Nesta dissertação averiguou-se sobre o espaço opinião como construtor de quadros, no sentido de perceber se a sua linha argumentativa se baseia em processos autorreferenciais de produção noticiosa.

### III - ANÁLISE DE CONTEÚDO E QUADROS MEDIÁTICOS

#### 3.1. Método quantitativo e qualitativo

Há muito que os meios de comunicação de massas são alvo de estudo através de diferentes métodos de investigação. Desde o surgimento da imprensa que foram sendo desenvolvidas várias pesquisas cujo objeto de análise começou por ser, essencialmente, a imprensa (Bardin, 1977). Desde então, a academia tem seguido diferentes abordagens no que concerne à investigação sobre mensagens mediáticas. A análise de conteúdo surge de imediato como adequada, sendo um método relativamente flexível que permite analisar todo o tipo de meios, sejam escritos ou visuais, e, embora frequentemente conotado com a quantificação de conteúdos, pode também ser utilizado de forma qualitativa. O método utilizado para a análise ao comentário político em Portugal foi precisamente a análise de conteúdo mediático<sup>6</sup>.

A análise de conteúdo permite estudar todo o tipo de textos e mensagens. Apesar de diversas reflexões terem demonstrado que é mais produtiva uma combinação de ambas as técnicas, a análise de conteúdo é vista *ad initio* um método quantitativo. Kimberly Neuendorf (2002:1), apresenta-a como uma técnica sistemática e quantitativa:

*Content analysis may be briefly defined as the systematic, objective, quantitative analysis of message characteristics. It includes the careful examination of human interactions; the analysis of character portrayals in TV commercials, films, and novels; the computer driven investigation of word usage in news releases and political speeches; and so much more.*

Neuendorf exclui a hipótese qualitativa, apelando antes a elementos próprios de técnicas quantitativas como fiabilidade, validade, replicabilidade, testes de hipóteses e *a priori design*. Os exemplos referidos na citação são apenas uma indicação da utilidade da análise de conteúdo cujo enfoque nos meios de comunicação de massas terá sido introduzido por Lasswell em 1927, como um método sistemático para analisar a propaganda durante a guerra. Anos mais tarde, Lasswell (1948:216) acabaria por atribuir a cada pergunta do processo comunicativo (quem, diz o quê, porque canal, a quem e com que efeito) um método de análise diferente. A análise de conteúdo seria adequada para responder à pergunta "diz o quê", enquanto a pergunta "quem" corresponderia à análise de controlo, a pergunta "porque canal" à análise mediática, a pergunta "a quem" à análise de audiências e, finalmente, a pergunta "com que efeito", corresponderia à análise de efeitos. A grande proliferação da análise de conteúdo

---

<sup>6</sup> Jim Macnamara (2005) refere-se a "*media content analysis*" como um subcampo da Análise de Conteúdo e considera-a um método bem estabelecido no âmbito da investigação metodológica.

mediática ocorreu precisamente na década de 1950, com o surgimento da televisão, altura em que o método era usado para estudar as representações de temas como a violência, o racismo e as mulheres na programação televisiva e em filmes (Macnamara, 2005).

Repescando a ideia de Neuendorf que reduz este método à quantificação, a autora considera que a análise qualitativa dos textos deverá ser antes categorizada como análise retórica; análise da narrativa; análise do discurso; análise semiótica; análise interpretativa ou crítica (2002). Contudo, outros autores propõe diferentes abordagens. Shoemaker e Resse (1996, *citados por* Macnamara, 2005) não reduzem a análise de conteúdo à pesquisa quantitativa, referindo que existem duas linhas orientadoras de cada uma. Enquanto uma abordagem behaviorista avalia o conteúdo mediático tentando prever alguns dos seus efeitos, uma abordagem mais humanista preocupa-se mais com a identificação do que o conteúdo diz sobre a sociedade e a cultura que o produziram. A ideia reside na primeira estar relacionada com técnicas quantitativas e a segunda com técnicas qualitativas, mas ambas sob o chapéu da análise de conteúdo. Laurence Bardin (1977:22-23) já tinha igualmente admitido a possibilidade de este método poder ser alvo das duas abordagens, dependendo do objetivo:

Na análise quantitativa, o que serve de informação é a *frequência* com que surgem certas características do conteúdo. Na análise qualitativa é a *presença* ou a *ausência* de uma dada característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração. (destaques pelo autor)

Posto isto, importa fazer a diferenciação entre umas e outras, no sentido de tentar descortinar as principais diferenças e, posteriormente, vantagens e limitações de cada uma.

Alan Bryman (2012) distingue entre várias formas de escrutinar o conteúdo da comunicação. Por um lado, a análise de conteúdo, que serve para quantificar o conteúdo de forma sistemática e replicável e, por outro, duas abordagens diferentes desta: a semiótica e a análise de conteúdo etnográfica, também designada por análise de conteúdo qualitativa. A semiótica centra-se no estudo dos sinais e na importância de tentar identificar significados mais profundos dos conteúdos que analisa: "*Semiotics is concerned to uncover the processes of meaning production and how signs are designed to have an effect upon actual and prospective consumers of those signs*" (Bryman, 2012:291). A análise de conteúdo etnográfica ou qualitativa, por sua vez, enfatiza o papel do investigador na construção do significado dos textos: "*there is an emphasis on allowing categories to emerge out of data and on recognizing the significance for understanding meaning in the context in which an item being analyzed (...) appeared*" (Bryman, 2012:291). Dito isto, os conteúdos dos meios de comunicação de massas (desde revistas e jornais até programas televisivos e filmes) podem ser alvo de análise

recorrendo tanto a técnicas quantitativas como as qualitativas. Segundo Bryman (2012), as quantitativas servem, tipicamente, para pesquisar temas/categorias previamente estabelecidos naquele que é o objeto de análise. Do outro lado, uma abordagem qualitativa consiste numa busca por temas interligados nos materiais analisados. No caso da qualitativa, os processos através dos quais os temas são extraídos não estão necessariamente definidos à partida, permanecendo muitas vezes por especificar: trata-se de uma forma mais indutiva que promove alterações à medida que a pesquisa avança, sem uma grelha fechada *a priori*, ao contrário da ideia mais dedutiva da técnica quantitativa. No entanto, estas balizas não são estanques e existe inclusivamente quem defenda uma abordagem com *a priori design* no método qualitativo. Segundo Mayring (2000 citado por Macanmara, 2005) este método não deve fazer corresponder o conteúdo observado a uma categoria mas deve, seguindo a lógica inversa, tentar corresponder uma categoria - determinada antes da pesquisa empírica - a uma passagem do texto. Assim sendo, apesar da constante discussão entre a preferência por uma ou outra, a revisão metodológica sugere alguma artificialidade sobre a divisão entre métodos qualitativos e métodos quantitativos. Ainda assim, tentou-se identificar verdadeiras vantagens e limitações que dissessem respeito a apenas cada um deles.

Ao lado de Macnamara (2005), diríamos que a análise de conteúdo quantitativa se pauta (supostamente) por maiores objetividade e sistematização, produzindo resultados fiáveis a partir dos quais se pode fazer inferências. Pelo contrário, a análise qualitativa dificilmente terá, segundo o autor, esta fiabilidade científica. Contudo, a grande vantagem da abordagem qualitativa reside na possibilidade para a interpretação do contexto, no sentido em que nos permite alcançar uma compreensão mais profunda dos significados dos textos e das prováveis interpretações pela audiência. Tendo em conta que o objetivo último da análise de conteúdo mediático poderá ser tentar prever o potencial de influência que o mesmo pode ter (nos espectadores), a técnica qualitativa não deve ser descurada. Perante isto, parece-nos que uma combinação de ambas as abordagens, parece ser o procedimento ideal.

Como se viu, aquela que é vista como a grande vantagem da metodologia quantitativa consiste sobretudo na questão de ser considerada mais objetiva. Quer isto dizer que é um método que minimiza os enviesamentos do investigador, sobretudo devido a uma definição categórica antes da observação, numa abordagem mais dedutiva em que todas as decisões sobre as variáveis e sua codificação são tomadas *a priori*. No entanto, como também se viu, nada nos impede, sendo até aconselhável, desenhar igualmente as categorias antes de uma observação qualitativa. Ademais, é igualmente destacada (como vantagem da técnica quantitativa) a sua validade, promovendo uma seleção cuidada da amostra do conteúdo a

analisar; a extrapolação, que decorre de uma amostra representativa tendencialmente ignorada pela abordagem qualitativa; e a sua replicabilidade, que consiste em outros investigadores poderem replicar facilmente a pesquisa e confirmar ou desafiar os resultados anteriores (Macnamara, 2005). Contudo, a sua grande limitação acaba por ser a dificuldade em extrair significados latentes ao texto analisado; algo que só é possível através de um estudo qualitativo.

Ao mesmo tempo, enquanto a análise qualitativa apresenta como vantagem o estabelecimento da relação entre texto e audiência, centrando-se nos diferentes significados que um texto pode ter, tem como limitação depender demasiado da interpretação que próprio investigador faz sobre o texto mediático. Além disso, as amostras pequenas que a caracterizam são vistas como pouco científicas e pouco fiáveis. Por outro lado, o significado polissémico do texto e os códigos contextuais não são tão bem identificáveis numa análise que reduz grandes quantidades de texto a dados quantitativos (Shoemaker e Resse, 1996, *citados por* Macnamara, 2005). Consequentemente, a análise quantitativa permite medir o volume e a frequência de mensagens ou palavras, mas uma pesquisa que pretenda focar-se num entendimento do conteúdo, não só manifesto, como também latente do texto mediático, deveria integrar as duas técnicas que nos parecem complementares. Dependerá sempre do objetivo da pesquisa, mas, sugere-se que a utilização de métodos mistos só traria qualidade à investigação. Prossigamos agora com uma concretização desta discussão metodológica no âmbito específico da análise a quadros (ou *frames*).

### **3.2. Análise de quadros mediáticos**

Independentemente da abordagem ser quantitativa ou qualitativa, a análise de conteúdo a quadros mediáticos tem sempre a fragilidade de depender profundamente da perspetiva do investigador. Van Gorp (2005:485) sugere que a condição "*sine qua non of framing research concerns the identification of the frames that are appropriate for the questions the researcher is willing to answer*". Neste sentido, o modo como o quadro for concebido pelo investigador acabará por afetar os resultados e uma possível comparação entre diferentes investigações. O quadro é visto pelo autor como um pacote mediático que consiste em vários indicadores ou mecanismos de enquadramento que permitem identificá-lo, tais como metáforas, escolhas lexicais, exemplos, argumentos, entre outros. Paraphrasing Entman (1993), o autor holandês relembra as quatro funções do enquadramento: definir um problema, atribuir responsabilidade, fazer um julgamento moral e atingir possíveis soluções. Assim, um quadro é considerado "meta-comunicativo" (Van Gorp, 2005:487), sendo provido de significado

latente que pode conter uma sugestão ou um estímulo para compreender a mensagem mediada.

Seguindo tanto um tratamento qualitativo, como um quantitativo será sempre difícil neutralizar o impacto do investigador. Mesmo que a matriz dos quadros a averiguar esteja fechada antes da observação (comum na abordagem dedutiva), a própria seleção inicial dos quadros considerados apropriados para responder à questão da pesquisa depende da concepção do investigador. Provocatoriamente perguntamo-nos se não acontecerá o mesmo naquele que é visto como um método quantitativo típico: o inquérito por questionário. A seleção das perguntas para obtenção de determinadas respostas não torna este tipo de investigação, fazendo justiça a todas as diferenças, igualmente subjetivo? Mais uma vez se nota alguma artificialidade na divisão entre método qualitativo e quantitativo.

Uma análise de quadros mediáticos deverá ter sempre uma categorização (seja mais, seja menos fechada) prévia dos quadros. Uma abordagem indutiva envolve analisar o conteúdo partindo de concepções muito flexíveis e sujeitas a alterações, enquanto um método mais dedutivo se prende com uma predefinição de quadros específicos; mas ambas deverão envolver uma pré-categorização. Os quadros serão tratados como variáveis analíticas e o objetivo consiste em verificar até que ponto esses quadros estabelecidos ocorrem ou não no espaço em análise (Semetko e Valkenburg, 2000). Apesar de a dedutiva exigir uma ideia muito clara dos tipos de quadros, enquanto a indutiva permite e promove um ponto de partida mais incerto para introduzir alterações ao longo da pesquisa, ambas deveriam ter uma espécie de matriz de quadros (Van Gorp, 2010). Na realidade, a própria metodologia dedutiva (usada quantitativamente) permite também que sejam feitas alterações, nunca estando nada absolutamente estanque, o que remete, de novo, para uma ténue fronteira entre métodos.

Van Gorp (2010) refere que existe sempre uma fase indutiva que culmina na matriz de quadros. Nesta matriz cada linha representa um pacote mediático e cada coluna uma enumeração dos mecanismos de enquadramento pelos quais o quadro se manifesta. Por exemplo, no caso do enquadramento de refugiados através do quadro "vítima" (positivo) *versus* o quadro "intruso" (negativo), cada um destes pacotes consistiria numa das duas linhas da matriz. Já em cada coluna estariam mecanismos de enquadramento (indicadores) tais como base moral, escolha de palavras, metáfora, papel do refugiado, entre outros. Depois de a matriz estar construída, o autor afirma que é comum ir acrescentando elementos à medida que se avança na pesquisa. Quer isto dizer que uma preferência por uma abordagem mais "fechada" e definida à partida em relação ao que se quer concretamente extrair da análise, não impede que sejam introduzidas alterações caso seja necessário.

## IV - ENQUADRAMENTO E AUTORREFERÊNCIA NO COMENTÁRIO TELEVISIVO

### 4.1. Pressupostos, questões e o meio televisivo

O comentário político televisivo foi o objeto de estudo escolhido para testar as teorias e algumas premissas teóricas e metodológicas referenciadas até agora. Segundo Boorstin (1961) e Baudrillard (1981), os meios de comunicação tendem a reportar-se a um real que não lhes é exterior, na medida em que noticiam e comentam assuntos gerados por eles próprios. Mesmo estando perante um acontecimento real, o tratamento seguido pelos media funciona numa lógica autorreferencial: mais do que apresentar (media informativos) ou discutir (media opinativos) a substância desse acontecimento, os meios tendem a debruçar-se sobre acontecimentos decorrentes da sua cobertura. Neste sentido, é possível que um comentador político tenda a subvalorizar a questão substantiva do acontecimento para, em vez disso, o enquadrar segundo referências mais genéricas e quadros autorreferenciais. A questão de partida e as questões subsidiárias, já enunciadas na introdução, foram as seguintes:

*Em que medida é o comentário político construtor de quadros autorreferenciais?*

- Existirá uma preferência por quadros genéricos em detrimento da substância referente ao acontecimento?
- Será que a preferência por determinado tipo de enquadramento está relacionada com o tipo de comentador?

A observação incidiu sobre espaços televisivos. Apesar de os jornais, as rádios e mais recentemente a internet serem também locais que proporcionam momentos opinativos com a intenção de interpretar ou desconstruir a complexidade do mundo real, a televisão permanece o espaço por excelência dos comentadores. Além disso, numa altura em que muitos estudos de comunicação se tendem a esgotar nas tecnologias digitais e no on-line, considerou-se importante ter em conta que, em Portugal, apenas 57,2% da população tem acesso à internet<sup>7</sup>. Relativamente à televisão, Eduardo Cintra Torres (2013) concede-lhe ainda um determinismo capaz de explicar os fenómenos sociais, sendo certo que se trata de um meio de comunicação com um enorme poder de representação. Por sua vez, Felisbela Lopes e Hália Santos (2011:58) consideram que "a formação dos elementos de uma sociedade continua a ser uma missão preponderante da televisão, enquanto meio de comunicação de massas." Tendo em

---

<sup>7</sup> Dado retirado do estudo realizado pelo OberCom "A Internet em Portugal - Sociedade em Rede 2014"

conta que a percepção do exterior depende da informação que chega a casa dos cidadãos por via deste meio, as autoras sugerem que a televisão tem também uma outra função (2011:58).

Responsabilidade social de recuperar valores e de incentivar a cidadania. Por outras palavras, a missão de informar não é suficiente; a televisão tem também que ajudar a descodificar. Os media que chegam a um grande número de pessoas têm um papel importantíssimo na formação da opinião (individual e/ou pública).

Esta função de descodificação do real atribuída à televisão prende-se com a necessidade de um esclarecimento daquilo que é reportado. As pessoas procuram frequentemente essa descodificação e encontram-na em programas de comentário, acabando por olhar para um espaço opinativo nos media como fonte de informação. No entanto, o que na realidade é pedido ao comentador é a sua visão, i.e. apenas um prisma, ainda que idealmente concreto e isento, sobre os acontecimentos. Acresce a isto a função de previsão atribuída ao comentador televisivo (Lopes e Santos, 2011), aliada a uma tentativa de garantir estabilidade e segurança procuradas pelo telespectador.

#### **4.2. Programas de comentário político**

Entendemos por comentário político um espaço mediático em que, por intermediação de um jornalista moderador, uma ou várias personalidades discorrem sobre os temas considerados relevantes no momento. Ao comentador é pedida uma interpretação, leitura e comentário a um suposto real, isto é, aos mais recentes desenvolvimentos de um qualquer assunto, acontecimento ou facto (políticos). No âmbito dos diversos espaços de comentário, considerou-se relevante proceder essencialmente a duas distinções. Em primeiro lugar, há políticos comentadores de política e personalidades não-políticas comentadoras de política, que, de uma forma geral, ou são jornalistas, ou são especialistas no assunto (nomeadamente académicos). Em resultado da exposição anterior (*ver capítulo 2.3*) sobre agentes políticos vs. jornalistas com presença nos espaços de comentário, foi decidido que ambos seriam alvo de análise, podendo eventualmente tirar ilações sobre se uns privilegiam mais determinado tipo de enquadramento do que outros ou não. Em segundo lugar, existe também a diferenciação entre espaços unipessoais e outros plurais, com vários comentadores, geralmente com individualidades representativas de diferentes preferências políticas.

A escolha por um espaço onde há apenas uma pessoa a tecer comentários poderia conter um nível demasiado alto de subjetividade e um nível demasiado baixo de validade, na medida em que se pode tratar de alguém muito idiossincrático cujo estilo seja caso único. Consequentemente, foi dada preferência a espaços plurais: pela maior diversidade de

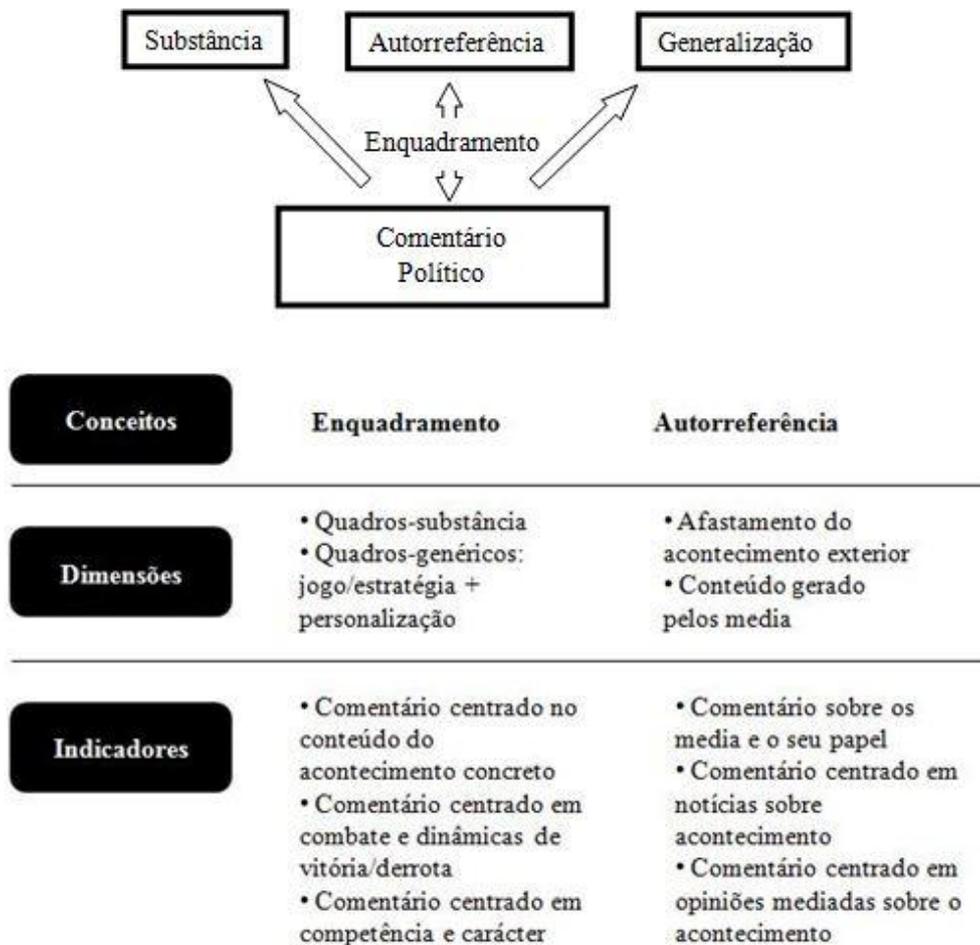
personalidades mas também de posições políticas. Designou-se estes locais mediáticos de vários comentadores por *programas de comentário político*. Estes programas repetem-se semanalmente e tendencialmente com os mesmos comentadores, designados por *residentes*, embora não sejam infrequentes as substituições. Neste sentido, resta referir que foram deixados de parte os comentários não pré-definidos na grelha do canal. Estes consistem em personalidades convidadas ao longo do dia para prestar esclarecimentos sobre o(s) acontecimento(s) mais premente(s). Embora surjam diariamente e em todos os espaços noticiosos dos canais de informação a 24 horas, não seguem uma lógica de repetição constante nem de potencial enquadramento convergente de diferentes factos políticos.

Posto isto, foram selecionados dois programas de comentário, que representam os dois tipos de comentadores a que nos propusemos dedicar. Dado que cada canal não tem mais do que três ou quatro programas de comentário plurais, escolheu-se um de cada: um do canal informativo SIC Notícias (*Eixo do Mal*) e um do canal informativo TVI24 (*Prova dos 9*), excluindo-se a RTP por não ter, à data, nenhum espaço idêntico. O primeiro consiste em quatro comentadores com funções na área do jornalismo, enquanto o segundo conta com dois eurodeputados, pelo PSD e pelo PS respetivamente, e um ex-deputado pelo Bloco de Esquerda. Embora seja visível algum envolvimento político de personalidades do *Eixo do Mal* (comum entre pessoas politicamente informadas e ativas), como Daniel Oliveira, a diferenciação é clara: enquanto um programa agrega cidadãos informados e conhecidos como comentadores políticos, no outro os intervenientes são quase representantes partidários, ou pelo menos, ideológicos como comentadores políticos.

Os conceitos centrais a esta dissertação já explanados ao longo de todo o raciocínio são, para além do comentário político, o enquadramento ou construção de quadros (também chamados quadros-referência já que são usados como tal para tratar um acontecimento) e a lógica autorreferencial ou autorreferência. A bibliografia existente tende a concentrar-se ora num, ora noutro, isoladamente: existem estudos que, escolhendo um dado acontecimento, procuram descobrir quais os quadros mais utilizados para o representar ao longo do tempo (e.g. Van Gorp, 2005); e estudos centrados no afastamento da realidade pelos media, sugerindo que eles próprios vão gerando acontecimentos que depois vão cobrir: *self-reference* (Vasterman, 2005). O que se tentou fazer neste trabalho foi uma agregação das duas ideias, investigando se os media, através dos comentadores, poderão enquadrar os acontecimentos segundo uma perspetiva autorreferencial. A par desta perspetiva averiguou-se igualmente da tendência para o comentador utilizar quadros mais genéricos, em vez de quadros específicos e

centrados na substância. O modelo de análise e a sua operacionalização apresentam-se no quadro seguinte:

Quadro 4.1. Modelo de Análise



O tipo de enquadramento foi medido através dos comentários proferidos aos quais se foi correspondendo categorias determinadas a priori, seguindo a sugestão de Macnamara (2005). Em seguida dedicamo-nos à explanação dessas categorias (aquilo que foi entendido como substância, generalização e autorreferência) em nome de uma codificação simples e perceptível.

### 4.3. Substância, Generalização e Autorreferência

O trabalho empírico consistiu numa análise mista de conteúdo, recorrendo, em primeiro lugar, à quantificação dos quadros pré-estabelecidos e ao estabelecimento de relações entre tipo de comentador e, posteriormente, numa análise qualitativa do texto, fazendo uso de citações que ilustrassem alguns resultados. Estas citações tiveram em atenção o contexto e a forma, sem os

quais nenhum tipo de conteúdo fica totalmente escrutinado. Para o levantamento da frequência com que surgem determinados quadros, estes foram divididos em três grandes grupos: Substância, Generalização e Autorreferência.

Dentro da primeira categoria encontram-se todos os quadros referentes à *substância* concreta do acontecimento, sejam positivos ou negativos. Não se tratou se perceber a direção do quadro utilizado pelo comentador relativamente a um assunto, mas antes se a referência do quadro é a questão substantiva ou se é genérica e/ou se são os próprios media (autorreferência). Utilize-se um exemplo para melhor ilustrar de que modo um comentário foi considerado como pertencente ao primeiro grupo: Imagine-se que o acontecimento político alvo de comentário é o programa macroeconómico do Partido Socialista, ou seja, um documento que contempla diversas propostas governativas. Este programa pode ser discutido *quanto ao seu conteúdo* (substância), ou *quanto à forma como foi apresentado* (generalização), ou ainda *quanto às respostas mediáticas que provocou* (autorreferência). Para ser considerado como um quadro substância, o comentário teria de incidir sobre a explicação das medidas propostas no programa e respetivas implicações. Este tipo de comentário faria jus a uma das funções atribuídas ao comentário político: esclarecer e desconstruir a complexidade dos acontecimentos. Eurico Brilhante Dias, em substituição da comentadora residente no programa *Eixo do Mal*, Clara Ferreira Alves, teceu comentários exemplificativos deste enquadramento, patente em expressões como "uma balança corrente ligeiramente inferior" e "acelerar a aproximação do PIB nominal ao PIB potencial", ao contrário de Luís Pedro Nunes que se focou nas dinâmicas do espetáculo em redor da apresentação do programa, sugerindo que houve "uma fase de alegria, outra de negação e outra de malandrice" nas reações mediáticas dos comentadores à referida apresentação (enquadramento autorreferencial), sem no entanto nunca se debruçar sobre o conteúdo do programa.

Já o enquadramento genérico ou quadro *generalização* dividiu-se, tendo por base os estudos apresentados, em comentários focados (1) no jogo/estratégia e (2) na personalização (em características pessoais e políticas). A preferência por este tipo de enquadramento generalista desvaloriza a substância e porventura potencia o uso de outros conteúdos resultantes dos próprios meios, contribuindo para a lógica autorreferencial. Seguindo o exemplo anterior, um comentário que enquadrara o acontecimento do programa do PS numa lógica genérica é, por exemplo, o de Francisco Assis que se dedica a comentar as reações do PSD que não leu o documento, ou o de Paulo Rangel que banaliza declarações de última hora,

defendendo o seu partido, e ataca o PS ao dizer que está a "fazer das reações do PSD um caso porque não quer discutir a substância das coisas" (quadro jogo-estratégia).

Já o terceiro grupo (*autorreferência*) permitiu procurar por uma preferência explícita por quadros autorreferenciais, i.e., comentários ao sistema mediático e comentários a notícias ou opiniões veiculadas pelos media. Ainda na lógica do exemplo anterior, um comentário foi considerado como autorreferencial quando, por exemplo, se dedica a discutir tricas mediatizadas e opiniões expressas por comentadores mediáticos ou resultantes dos próprios meios de comunicação, ou seja, quando se debruça mais sobre o conteúdo dos media do que sobre as propostas concretas do programa. A partir do modelo de análise (Quadro 4.1) e do estudo de Brewer e Siegelman (2002) foi construído o seguinte esquema orientador.

Quadro 4.2. Generalização e Autorreferência

Generalização		Autorreferência
Jogo/estratégia	Personalização: características pessoais e políticas	
Comentário a tática e estratégia/ referências a combate	Comentário a competência: experiência e liderança	Comentário sobre os media e o seu papel
Comentário a sondagens ou dinâmicas de vitória/derrota	Comentário ao carácter: ética, coragem e integridade	Comentário a notícias e opiniões mediadas

Por opinião mediada (Quadro 4.2) entendem-se declarações públicas, no espaço dos media, que expressem opinião relativamente a determinado acontecimento (ex: outros comentadores televisivos ou artigos de opinião na imprensa). Um comentário a notícias ou a opiniões mediadas é visto como autorreferencial, já que o comentador opta por focar o seu comentário em conteúdos gerados pelos meios, no lugar do acontecimento real. O esquema acima representado serviu de ponto de partida para a grelha de análise do objeto empírico (ver anexo A), em que se pretende saber essencialmente qual o tipo de comentários (enquadramento) mais frequentes e se a referência do comentador mediático não serão os próprios media. Foi ainda criado um espaço para registar os assuntos tratados, na medida em que se considerou proveitoso perceber quais os assuntos mais abordados. No próximo capítulo apresentam-se os resultados obtidos com base na observação dos dois programas televisivos de comentário político: o *Eixo do Mal* e o *Prova dos 9*.

## V - O COMENTÁRIO POLÍTICO NA TELEVISÃO PORTUGUESA

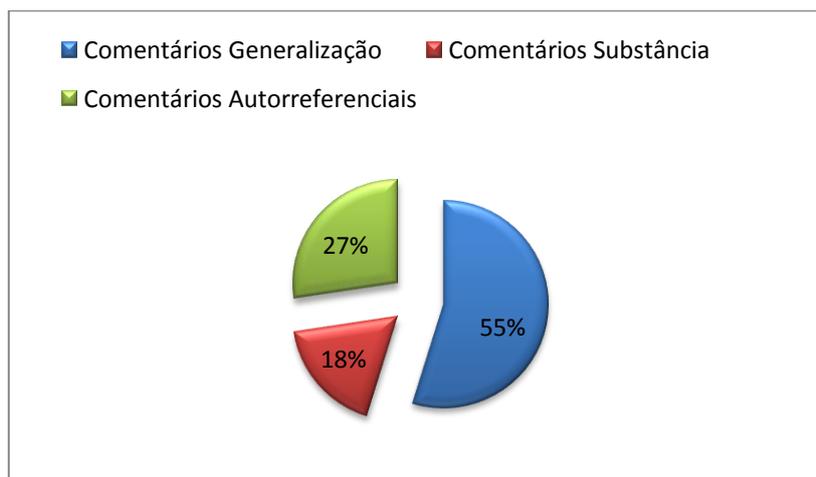
Segundo Rita Figueiredo (2005:125), o "'Espaço Opinião', enquanto arquétipo do Espaço Público, revela-nos a 'representação da representação' que as várias publicações possuem do que consideram ser o 'imaginário democrático' do seu público-leitor." A democracia é passível de ser medida por várias dimensões, umas das quais a autonomia das suas instâncias e a qualidade do debate público, pelo que a qualidade do regime é também aferida pelos temas presentes no espaço de opinião: a diversidade, a clareza, a perspetiva. O espaço de comentário acaba por mediar a relação entre o Estado e a sociedade civil, o que o torna um objeto de estudo sensível, atual e pertinente. Motivos não faltaram, ao longo desta dissertação, que justificassem a escolha do comentário político e ilustrassem a premência do seu estudo e consequente desconstrução do seu conteúdo. Foi importante averiguar das preferências que se mostraram evidentes. A observação empírica permitiu perceber o tratamento de diversos temas nos programas de comentário, bem como a medida em que esse tratamento é feito através de um enquadramento autorreferencial e, conseqüentemente, distante do real. Resta referir que se optou pela seleção de um lapso temporal específico e não demasiado extenso. Considerou-se apropriado um lapso temporal de seis semanas, no período entre 26 de Março e 2 de Maio 2015, por se referir a uma altura da vida política que, num espaço de tempo concentrado, se pautou por candidaturas a eleições legislativas e presidenciais, controvérsias sobre a existência de listas especiais de contribuintes e listas de abusadores sexuais, e ainda os resultados da comissão parlamentar de inquérito ao caso BES. A observação quantitativa fez-se a partir da já mencionada grelha de análise (ver anexos) que permitiu anotar quais os quadros a serem utilizados por que comentador, em que programa, em que semana e sobre que assunto.

### 5.1. Apresentação dos dados

Os dados obtidos a partir da classificação do tipo de comentários mais utilizado pelos comentadores políticos televisivos permitem identificar um claro vencedor: comentários genéricos em detrimento de comentários mais preocupados com a substância do assunto a tratar. Contaram-se 166 referências (55%) a quadros gerais e apenas 54 (18%) focadas no conteúdo concreto. Já que tanto no *Eixo do Mal* como na *Prova dos 9* a generalização se sobrepôs em larga medida à substância, pode afirmar-se desde já que tanto jornalistas comentadores como políticos comentadores preferem enquadrar os acontecimentos políticos

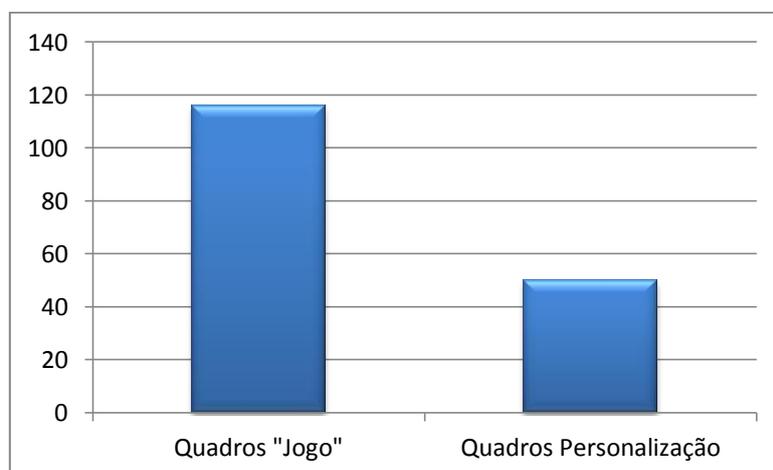
através de quadros que remetem para questões relacionadas com o jogo e com a personalização em vez de se orientarem pela a substância concreta. Outra preferência dominante dos comentadores é a realização de comentários a outros conteúdos mediáticos (com 83 referências, 27%), não só a notícias mas sobretudo a outros comentários mediados, nomeadamente artigos de opinião e programas de comentário televisivo: comentários autorreferenciais cuja origem são os próprios meios. O quadro seguinte ilustra a percentagem de comentários gerais, de comentários concretos e de comentários autorreferenciais no total das 6 semanas.

Figura 3.1 Distribuição de comentários



Aproveitou-se para averiguar, no interior do enquadramento mais utilizado (generalização), se uma das duas categorias que a compõe foi mais utilizada que a outra (Figura 5.2.):

Figura 5.2 Quadros jogo e quadros personalização



Das 166 referências generalistas, contaram-se 50 que remeteram para personalização e 116 para o jogo-estratégia. Esta conclusão corrobora as ilações tiradas por Brewer e Sigelman

(2002) que mostraram a existência de uma preferência pelo *game frame* (embora se tenham debruçado apenas sobre politólogos). Como se pode constatar, a observação permitiu confirmar que há uma clara tendência por enquadrar os assuntos de um ponto de vista generalizador, focando sobretudo em questões relacionadas com o jogo e estratégia, dinâmicas de vitória e derrota e sondagens de opinião. Ademais, constatou-se (Figura 5.1) que os comentários explicitamente autorreferenciais excedem igualmente - com clareza - os comentários orientados para a substância (27% *versus* 18% respetivamente).

Feita a análise descritiva do levantamento das frequências e respetivas percentagens, considerou-se relevante a utilização de um procedimento estatístico, a *análise de variância* (ANOVA), para perceber se existe diferenças entre tipo de comentador na preferência por determinado enquadramento. A ANOVA, que consiste numa comparação de médias, permitiu verificar não haver diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ) entre políticos comentadores e jornalistas comentadores (ver anexos). Ambos fazem muito mais uso de comentários generalistas e reprodutores de uma lógica autorreferencial e ambos tendem a preocupar-se menos com o esclarecimento do acontecimento real. No entanto, desagregando os quadros genéricos, há diferenças estatisticamente significativas no uso de comentários focados no jogo-estratégia ( $p = 0,011$ ) (ver anexos). Os políticos comentadores fazem um maior uso deste tipo de comentários (em média 3,8) do que os jornalistas comentadores (em média 2,2), o que não deixa de ser algo expectável. Por diversas vezes se registou Francisco Assis, Paulo Rangel e Fernando Rosas a proferirem frases típicas do jogo político como "isso é má estratégia política"; "o lado Syriza do Partido Socialista"; "o voto útil"; "os portugueses vão ter duas escolhas claras nas próximas eleições"; "espera-se um mau resultado da direita nas eleições legislativas". Tendo em conta que os intervenientes estão cada um no seu papel de representantes partidários, é inevitável que essa realidade se torne visível, nomeadamente na medida em que se nota claramente a defesa dos interesses do seu partido e o enquadramento da atualidade política num plano de fundo estratégico.

Antes de recorrer a mais exemplos ilustradores dos resultados e desenvolver a exploração qualitativa, importa registar os temas tratados durante o lapso temporal analisado: Candidatura presidencial de Henrique Neto; declarações de Cavaco Silva; lista de pedófilos; comissão BES; lista VIP de contribuintes; eleições legislativas e presidenciais; Grécia; eleições presidenciais novamente; Banca; Greve dos pilotos e privatização da TAP; TSU e pacto de estabilidade do governo; BES; comemorações do 25 de Abril no Parlamento; apresentação da Coligação PSD/CDS; Plano de propostas macroeconómicas apresentadas pelo PS; elogio de Passos Coelho a Dias Loureiro; Pedido de auditoria ao plano do PS;

Candidatura de Sampaio da Nóvoa e a Greve da TAP novamente. Como notas finais (presentes no programa Eixo do Mal), houve ainda tempo para se falar de: morte de Herberto Helder; Reportagem TVI sobre urgências; eleições na madeira; declarações de Aguiar Branco e os migrantes do Norte de África. Há uma clara preferência por temas nacionais, nunca tendo sido abordadas as eleições no Reino Unido nem as apresentações de candidatos presidenciais a eleições nos Estados Unidos. Os naufrágios e os migrantes do Norte de África foram apenas pontualmente assinalados numa nota final pelo jornalista e comentador Luís Pedro Nunes, no *Eixo do Mal*. O único assunto internacional que teve lugar na agenda dos programas analisados foi a Grécia que, como país do sul da Europa e intervencionado pela Troika, tem uma maior proximidade com Portugal.

## 5.2. Exploração qualitativa dos resultados

Exige-se agora uma abordagem que permita atribuir maior significado aos dados quantitativos apresentados. O significado dos temas tratados poderá consistir no facto de todos permitirem um enquadramento genérico e de muitos terem gerado conteúdos mediáticos alvo de comentário. Houve, por exemplo, poucos assuntos internacionais, já que esses pedem um enquadramento mais substantivo por gerarem menos casos com os quais possam ser relacionados.

Olhemos agora para a construção de quadros sobre alguns acontecimentos concretos, por exemplo, para o modo como foi feito o enquadramento da questão relativa a uma lista VIP de contribuintes. A lista seria composta por alguns nomes aos quais seria aplicado uma espécie de filtro informático responsável por detetar os funcionários que estivessem a consultar dados dessas *very important persons*. Quando Daniel Oliveira se concentra no relatório emitido sobre o assunto, dizendo que "os procedimentos para aceder [aos dados] são completamente informais", "não há gestão de perfis para saber quem acede ao quê e porquê" ou ainda "sou um defensor de que o Estado deve ter poderes reforçados para combater a fraude fiscal" está a fazer uso de comentários focados na substância e a enquadrar o assunto segundo o seu conteúdo concreto. No entanto, rapidamente se abandona a questão essencial e a discussão torna-se mais genérica. Quando Clara Ferreira Alves se debruça sobre outros casos do foro da justiça - "se nós nos lembrarmos dos problemas das escutas em Portugal, quem ordena escutas, como são divulgadas na comunicação social" ou "toda a gente se lembra dos escândalos dos serviços secretos" - está a preferir enquadrar o assunto de uma forma generalizadora, incluindo-o em casos supostamente idênticos. Luís Pedro Nunes, ao focar-se

no fracasso da CEE e do "homem de computadores" está, através da ironia, igualmente a enquadrar a questão da lista VIP através de quadros generalização mas que remetem ainda para uma lógica autorreferencial por se debruçar sobre comentários noutros meios de comunicação, sobretudo redes sociais. No programa *Prova dos 9* assiste-se, na discussão do mesmo acontecimento, a uma circularidade e referências mútuas a conteúdos gerados pelos meios, que representam nitidamente uma autorreferencialidade. Um dos comentadores residentes (Paulo Rangel) foi substituído por Teresa Leal Coelho que se juntou assim a Fernando Rosas e Francisco Assis. Desde logo, o assunto é introduzido pela moderadora (Constança Cunha e Sá) através da referência a um artigo de opinião escrito por Francisco Assis. Em vez de uma apresentação esclarecedora sobre aquilo em que consiste a lista e a sua substância, a jornalista pede comentários a uma outra opinião mediada sobre o acontecimento. Um comentário televisivo que tem por referência um outro comentário mediático (que, sem os meios, nunca teria existido) no lugar do evento original, consiste num exemplo daquilo que temos vindo a apresentar como a lógica autorreferencial presente nos meios de comunicação de massas. A origem da notícia ou, no caso, da opinião dos comentadores deste programa de comentário televisivo não é tanto a realidade exterior ao sistema mediático, mas antes os próprios meios. O facto de o artigo de opinião ter sido escrito por um dos comentadores a quem se pede um comentário sobre o mesmo, remete para uma lógica de dupla autorreferência: primeiro por a referência ser outro médium e segundo por ser uma opinião expressa num meio de comunicação pelo mesmo indivíduo a quem é pedida uma posição sobre o artigo que escreveu. No entanto, a substância da discussão sobre a existência de listas VIP de contribuintes perde-se e é remetida para segundo plano. Durante todo o tempo em que o assunto é abordado, a discussão centra-se em autorreferências mediáticas. Primeiro é o artigo de Francisco Assis, de seguida são outras declarações lidas no Jornal Público e por fim um artigo de Miguel Sousa Tavares. A opinião debruça-se sobre a opinião. Francisco Assis, depois de enunciar declarações que leu noutros media, usa - como referência para o seu comentário sobre a lista VIP - um artigo de Miguel Sousa Tavares no Expresso que terá servido de inspiração para o seu anterior artigo de opinião no jornal Público. Fernando Rosas intervém nesse momento, querendo discutir o artigo e o respetivo subtexto. Como resposta, Teresa Leal Coelho refere-se aos dois artigos, dizendo que leu os dois, incluindo o de Francisco Assis, "como de resto sempre faz"; di-lo a olhar e apontar para ele. Esta espécie de elogio cínico consiste em mais um exemplo do abandono da questão concreta. A deputada pelo PSD comenta em seguida o artigo de Sousa Tavares e discorre sobre o que o escritor diz. É nesta altura que a moderadora se sente na necessidade de esclarecer. Não para direccionar o

debate no caminho da substância central, mas porque também leu o artigo e considera que o autor não queria dizer exatamente aquilo: "Não, o que o Miguel diz é ...". Nesta luta sobre quem é que tem a interpretação correta do artigo, Teresa Leal Coelho intervém novamente, desta feita com um outro argumento em sua defesa: a deputada falou mesmo com o autor, pelo que saberá - melhor do que todos - aquilo que ele quis dizer. Quando a discussão deste artigo terminou, Fernando Rosas intervém referindo-se novamente à opinião expressa por Francisco Assis noutra jornal, criticando-a "quanto à forma e quanto ao conteúdo". Todo este espetáculo argumentativo sobre opiniões veiculadas nos media vai muito além da mera menção das mesmas. O acontecimento é enquadrado num verdadeiro combate pelo modo como devem ser interpretados outros conteúdos mediáticos, chegando mesmo a ser feitas críticas à forma.

Apesar de toda esta discussão no programa, não é fácil extrair - mesmo que indiretamente - qual, afinal, a posição de cada um dos comentadores do painel sobre a existência de listas VIP de contribuintes: não houve nenhum esclarecimento ou desconstrução desse assunto, tendo sido criado, pelo contrário, um ambiente confuso em que os telespectadores dificilmente sairão mais informados após a visualização. A discussão dos artigos de opinião constitui um exemplo de pseudoacontecimentos (Boorstin, 1961) e de como os media discutem e atribuem importância a estes "eventos" que não teriam existido sem eles. Trata-se de uma representação do real que substitui os referentes reais por outros construídos pelos meios de comunicação (Baudrillard, 1981). Comprova-se a teoria apresentada no início de que os meios usam como referente a sua própria (simulação da) realidade e funcionam muitas vezes como um simulacro.

Contaram-se os mais diversos exemplos de comentários que acabam por enquadrar o acontecimento segundo lógicas autorreferenciais e reforçam as ilações retiradas da discussão supra. Relativamente às eleições (legislativas e presidenciais), estas foram dominadas por quadros do foro do jogo/estratégia - "a candidatura é uma invenção do Dr. Soares, o *presidentmaker*" (Paulo Rangel) e "depois do mau resultado que a direita vai ter nas legislativas" (Francisco Assis) -, assim como comentários a características pessoais e políticas (liderança e competência) dos candidatos "não tem notoriedade nem estatuto" e "não tem nenhuma experiência política". Já seria porventura esperado que o tema das eleições fosse à partida dominado pelos mencionados quadros gerais, sobretudo as presidenciais, em que não há propriamente um programa de governo e são muito focadas na pessoa do candidato. Apesar de ser desejável haver comentários sobre propostas, ideias, convicções e posições dos candidatos, este tipo de enquadramento é quase inexistente. Para além dos comentários sobre

a experiência e a competência políticas ou ainda sobre as qualidades pessoais do candidato, foi um assunto tendencialmente enquadrado por comentários a sondagens, probabilidades de vitória, referências a lutas e combates e estratégias eleitorais. Assim, existe uma personalização da candidatura presente em comentários como "este homem é pequeno", "eu admiro as suas qualidades pessoais mas há falta de frescura e experiência política (Clara Ferreira Alves sobre Henrique Neto); mas também uma construção de quadros orientados para estratégias da luta partidária, como "não se deve ignorar as presidenciais porque é má estratégia e dá maus resultados [ao PS]" (Francisco Assis).

Ademais, no âmbito do comentário a eleições, é irrefutável a presença da autorreferencialidade. Ao introduzir a candidatura de Henrique Neto, Aurélio Gomes (moderador do *Eixo do Mal*) refere-se antes às reações do PS por via de atores políticos do partido que têm presença mediática. Isto significa que desde o início é dado pouco destaque à visão e às opiniões do candidato para se enquadrar a candidatura num ambiente de certa hostilidade em que a mesma não é bem-vinda pelo próprio partido. Começa, assim, por se comentar as reações de políticos do Partido Socialista nos meios de comunicação social, o que constitui mais uma ilustração da presença de uma lógica autorreferencial. Luís Pedro Nunes comenta a opinião mediada de José Lelo, assim como os comentários proferidos por Augusto Santos Silva no seu espaço de comentário semanal na TVI24. O jornalista dirige os seus comentários para estas reações mediáticas à candidatura, no lugar de dar ênfase às ideias da candidatura propriamente dita. A certa altura a discussão incide sobre o carácter dos indivíduos que proferiram as opiniões nos media e críticas ao seu passado. Pedro Marques Lopes, por sua vez, tenta centrar-se no percurso de Henrique Neto mas acaba por reduzi-lo aos comentários que este tem feito veicular nos últimos anos pelos media. Com Sampaio da Nóvoa (outro candidato eleitoral) o processo de comentário é idêntico, tendo ainda havido comentários a fotografias suas nas redes sociais e outros conteúdos cuja origem são os próprios meios. Num período em que alguns dos potenciais candidatos às eleições presidenciais são eles próprios comentadores televisivos (António Vitorino, Marcelo Rebelo de Sousa, Santana Lopes e porventura até Manuela Ferreira Leite), a promiscuidade entre ambas as intenções - comentar, por um lado, e ser candidato, por outro - é mais do que evidente. Não deixa de ser algo bizarra a situação de termos um comentador a comentar-se a si mesmo. Clara Ferreira Alves, ela própria comentadora, consciencializa esta evidência num dos seus comentários e refere que "dada a confusão que existe em Portugal entre agentes políticos e comentadores, porque uns são outros, acaba por tornar-se uma bola de neve em

que os comentadores consideram que têm a prerrogativa de quem deve ou não candidatar-se à presidência da república".

Uma outra evidência da autorreferencialidade nos espaços de comentário político é o facto de os jornais estarem frequentemente em cima da mesa e os comentadores se mostrarem a lê-los. Muitas vezes são chamados a fazer a "Revista de Imprensa" cuja função, embora na teoria seja "comentar a atualidade", acaba por ser comentar as notícias e opiniões mediadas sobre a atualidade. Quando Luís Pedro Nunes faz uso de um outro meio como origem do seu comentário (pegar nos jornais que tem em cima da mesa constitui um momento simbólico da autorreferencialidade), acaba por reduzir o espectro original do acontecimento. No seu comentário sobre as eleições na Madeira, o comentador absteve-se de pronunciar fosse o que fosse sobre as eleições propriamente ditas, a sua importância ou o seu significado. Em vez disso, limitou-se a afirmar que "terça-feira foi uma noite de televisão maravilhosa porque de repente o PSD perde a maioria absoluta e as televisões colocam os comentadores todos a comentar o fim da maioria absoluta do PSD e negam tudo o que disseram anteriormente. Na hora seguinte vêm outros comentadores comentar afinal a não maioria absoluta e os desgraçados anteriores não puderam dizer nada sobre isso". Dado que foi o único comentário que houve, em qualquer dos programas, sobre estas eleições, seria porventura desejável que tivesse havido outro tipo da abordagem. A referência do comentário foi, não só a própria televisão (que o emprega), mas os comentadores (seus colegas de profissão). Esta lógica autorreferencial ilustra bem como os media se dedicam a acontecimentos gerados por eles mesmos, os pseudoacontecimentos.

Independentemente do assunto abordado, a construção de quadros autorreferenciais nos media opinativos mostrou ser uma realidade inegável. Deixa-se agora mais alguns exemplos de comentários cuja origem são os próprios meios: (1) no âmbito da justiça (lista de abusadores sexuais) fazem-se críticas pessoais e de carácter à ministra Paula Teixeira da Cruz (quadros gerais em vez de substantivos) e Pedro Marques Lopes faz referência e comenta sobre "um trabalho do DN feito pela jornalista Fernanda Cândia (quadro autorreferencial); (2) ainda sobre a mesma lista os comentadores consideram ter um papel importante de esclarecimento já que, sendo um assunto tão sensível, a oposição parece querer manter reservas sobre a questão, pelo que Luís Pedro Nunes diz - sobre os media - que "basta abrir os jornais e está lá tudo (...) não vi[u] nenhum especialista a favor disto [lista]"; (3) Daniel Oliveira, do mesmo modo, diz que tem "visto comentários" e fala sobre o *facebook* em vez de enquadrar o assunto por aquilo que ele é sem a intervenção dos media, novos ou tradicionais; (4) Clara Ferreira Alves debruça-se novamente sobre a comunicação social e a divulgação de

escutas por parte dos media, enquadrando o assunto da lista de abusadores através de referências aos próprios media e a conteúdos resultantes deles, mas também através de quadros gerais, na medida em que vai buscar outros assuntos que não estão necessariamente relacionados com o primeiro mas enquadrá-los sob a mesma moldura; (5) Pedro Marques Lopes utiliza outras notícias de jornais para se debruçar sobre o sigilo fiscal e Daniel Oliveira relembra a facilidade com que os jornalistas têm acesso a dados supostamente confidenciais; (6) O moderador Aurélio Gomes faz uso daquilo que o Expresso "avança" e em seguida mostra um vídeo resultante de montagens das redes sociais, fazendo assim uma autorreferência a dois meios diferentes; (9) A moderadora Constança Cunha e Sá abre o debate pedindo a Francisco Assis um comentário ao comentário que Ferro Rodrigues terá feito sobre um comentário (artigo de opinião) de Francisco Assis no jornal; (10) Daniel Oliveira usa a TVI como origem do seu comentário sobre candidatos presidenciais, na medida em que aqueles que têm tempo de antena terão vantagem (refere-se a Marcelo Rebelo de Sousa); (11) o mesmo jornalista refere em seguida um artigo que "saiu aqui há dias do João Taborda da Gama" e, em vez de se centrar no candidato Sampaio da Nóvoa e seu suposto projeto eleitoral, foca o seu comentário nestes quadros autorreferenciais referindo-se a espaços de comentário televisivos e artigos de opinião da imprensa, reproduzindo a lógica autorreferencial; (12) Pedro Marques Lopes debruça-se sobre "confusão absoluta entre legislativas e presidenciais em que há comentadores dos comentadores e o candidato a Presidente da República do PSD vai ser sistematicamente comentador do candidato a Primeiro-ministro do PSD; o candidato a PR do PS vai ser comentador do candidato a PM do PS" e a confusão gerada advém precisamente de alguns candidatos serem comentadores semanais e como tal comentam as eleições (13) Clara volta a falar da importância dos media, neste caso sobre a Grécia, na medida em que o *Wall Street Journal* terá supostamente decretado a morte daquele país na União Europeia; (14) Relativamente ao plano de estabilidade do governo, Francisco Assis evoca o comentário semanal de Manuela Ferreira Leite na TVI24 e em seguida usa um outro comentário, ouvido horas antes, desta vez proferido pela própria moderadora do painel a que pertence (Constança Cunha e Sá), que tem, semanalmente, no mesmo dia e duas horas antes do *Prova dos 9*, o seu próprio espaço onde participa como comentadora; (15) Fernando Rosas também se refere à opinião de Manuela Ferreira Leite, enquadrando, a par com Francisco Assis, a questão do plano numa lógica de autorreferência com o recurso a comentários sobre outros comentários cuja origem são os próprios media; (16) Sobre a greve dos pilotos e privatização da TAP, Fernando Rosas queixa-se do facto de o sindicato dos pilotos não aparecer na televisão nem em espaços de

comentário, atribuindo extrema importância à presença nos media; (17) No *Eixo do mal*, Pedro Marques Lopes também condena a ausência do sindicato dos pilotos nos meios de comunicação social, por exemplo em entrevistas, referindo que ao não estar nos media parece que as negociações estão a ser feitas na clandestinidade; (18) Aurélio relembra a presença do presidente da TAP, Fernando Pinto, na SIC; (19) Luís Pedro Nunes atenta na unanimidade do espaço público e dos comentadores face ao assunto, debruçando-se menos sobre a substância concreta (que seria, por exemplo, discorrer sobre as implicações da privatização e os motivos) da greve e da privatização, mas antes sobre conteúdos mediáticos subjacentes; (20) Relativamente às propostas apresentadas pelo PS, trata-se de um facto político enquadrado *ad initio* pelas reações, declarações e opiniões mediáticas que provoca - a discussão é centrada nas reações demasiado imediatas do PSD sem ter lido o documento, o que levou Paulo Rangel a defender o seu partido dizendo que todos os dias, em todos os telejornais, surgem reações feitas na hora e que "está-se a fazer disto um caso (...) porque não se quer discutir a matéria. O que o Partido Socialista não quer é que vamos ver a substância das coisas"; (21) Fernando Rosas refere-se ao espaço de comentário de Bagão Félix, recorrendo a mais um argumento de autoridade que permite perceber a sua posição mas apenas de forma indireta; (22) Daniel Oliveira comenta as notícias dos jornais e a sua narrativa de que o PS "virou à esquerda". Estes são alguns dos exemplos mais prementes da existência de uma lógica autorreferencial nos espaços de comentário político televisivo em Portugal, sem que haja uma diferença significativa entre políticos comentadores e jornalistas comentadores, exceto, como foi mencionado anteriormente, no uso de comentários focados no jogo-estratégia, em que os primeiros apresentam uma utilização superior (ver anexos).

Apesar dos quadros autorreferenciais, houve naturalmente algumas preocupações com a substância. As propostas do Partido Socialista, por exemplo, foram também - apesar dos quadros gerais já exemplificados - enquadradas pela sua substância. No entanto, a realidade é que os quadros substantivos são rapidamente esquecidos e ultrapassados, como de resto já se demonstrou. Para um melhor entendimento de todos os exemplos apresentados, construiu-se um quadro, resultante da observação, que contém uma seleção de algumas citações correspondentes a cada tipo de enquadramento (ver anexo B).

## VI - CONCLUSÃO

No início desta dissertação propôs-se responder a uma questão de partida (*Em que medida é o comentário político construtor de quadros autorreferenciais?*) e duas questões subsidiárias. Chegados a esta altura, pode dizer-se que, apesar de se tratar de uma pesquisa geneticamente exploratória, as questões foram respondidas. Primeiro foram respondidas através de uma extensa análise bibliográfica em que se apresentaram as teorias que suportavam os pressupostos enunciados, tanto de pseudoacontecimentos e de hiper-realidade que levaram à ideia de uma autorreferencialidade, bem como teorias dos efeitos dos media, entre os quais se encontra o *framing*, designado por enquadramento ou construção de quadros. Até aqui, a academia tinha-se debruçado sobre umas, ou outras, isoladamente.

A originalidade do trabalho residiu na junção das duas linhas de investigação, (1) a realidade e representação nos media, com (2) os efeitos mediáticos, mas também na escolha por abordá-las no seio dos media opinativos, através da observação de programas de comentário político. Para tal, o método escolhido foi a análise de conteúdo (mediático) que, numa abordagem mista, foi feita quantitativa e qualitativamente. Depois de os dados confirmarem uma preferência por quadros autorreferenciais sobre os substantivos, recorreu-se a diversos exemplos e contextualizou-se citações para uma melhor compreensão do contexto em que se inserem os referidos dados. Verificou-se uma preferência ainda maior por enquadrar o acontecimento segundo as questões de estratégia e de jogo políticos que o circundam.

O espaço de comentário demonstrou ser um amplificador do acontecimento, na medida em que provoca respostas mediáticas (sociais, políticas...) e elas próprias se transformam em notícia e alvo de comentário. Neste sentido, os programas de comentário político nos meios de comunicação confirmaram a ideia de os media consistirem num *simulacro* (Baudrillard, 1981) (*re*)*produtor de pseudoacontecimentos* (Boorstin, 1981). Os comentadores debruçam-se muito mais sobre conteúdos gerados pelos próprios meios, sobretudo outras opiniões pelos seus homólogos, muitas vezes propiciando a trica mediática no lugar da desconstrução da complexidade do real. Por real quis-se dizer, não o real mediático, mas antes o mundo real ou real exterior, definido por aquilo que acontece sem a intervenção direta dos meios ou que, pelo menos, não é gerado por eles.

Relativamente ao papel educativo, socializador e democratizador, alerta-se que poderá ser posto em causa quando os media se dedicam menos à informação concreta e mais à disputa, ao combate entre artigos de opinião e a conteúdos autogerados. Noelle-Neumann

(1993) referiu que a opinião percecionada como maioritária se torna hegemónica devido ao receio do isolamento por parte de quem sente posições divergentes. A autora sugere que isto conduz a uma espiral do silêncio, em que existe um silenciamento progressivo da dissonância e um desaparecimento da discordância devido a questões de desejabilidade social e de inclusão em grupos. Se a opinião promovida pelos media for vista como maioritária, então eles poderão porventura promover uma hegemonia. Se tenderem a espelhar apenas uma leitura do real - que surgirá erradamente como maioritária -, então é expectável que mais indivíduos silenciem a sua opinião contrastante, fazendo aumentar a força da outra e, por sua vez, silenciado ainda mais a falsa minoria.

Através da observação dos programas de comentário político tirou-se a ilação de que a realidade é frequentemente tratada de forma indireta, quer isto dizer, por via de outras opiniões. Daqui advém a circularidade da informação mediada, muitas vezes gerada pelos próprios meios de comunicação que foi identificada como autorreferencialidade. Tal como Vasterman (2005) sugeria, não são os acontecimentos a governar a cobertura, mas são, antes, os media, pelos comentadores, que a determinam. A construção de quadros relativamente ao assunto demonstra como os responsáveis por comentar desempenham um papel central no desenvolvimento do acontecimento real, criando uma sequência de pseudoacontecimentos que não teria ocorrido sem o seu envolvimento.

Numa altura em que o canal público português decidiu banir todos os políticos comentadores, por serem espaços vistos como tempo de antena, não deixa de ser útil considerar a ilação de que, segundo a nossa linha de análise, houve poucas diferenças entre este tipo de comentadores e outros (não políticos), notando-se apenas uma preferência significativa por um enquadramento focado no jogo-estratégia.

Por fim, deixa-se a sugestão de que esta pesquisa sirva de base elementar a investigações sobre efeitos de audiência. Será muito relevante tentar medir se a perceção dos indivíduos a um determinado acontecimento segue em conta as saliências autorreferenciais e pertence ao mesmo quadro de análise que os comentadores políticos sugerem. Como contributo para a ciência deixamos ainda a possibilidade de se considerar um *subfeito* dentro do já conhecido *framing*, nomeadamente o *self-referential framing*. Esta proposta de nomenclatura resulta de todo o trabalho da dissertação, tanto da revisão teórica e metodológica como da observação do objeto empírico.

**BIBLIOGRAFIA**

- Aalberg, Tori, Jesper Strömbäck e Claes de Vreese (2011), "The framing of politics as strategy and game: A review of concepts, operationalizations and key findings", *Journalism SAGE Publications*, 13 (2), pp.162-178.
- Bardin, Laurence (2009), *Análise de Conteúdo*, Lisboa, Edições 70.
- Barriga, Antónia (2011), "A opinião publicada em Portugal: Uma *face de janus* no espaço público democrático", comunicação apresentada no XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais *Diversidades e (Des)igualdades*, de 7 a 10 de Agosto de 2011, Salvador.
- Baudrillard, Jean (1991), *Simulacros e simulação*, Lisboa, Relógio d'Água.
- Boorstin, Daniel J. (1961), *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*, New York, Harper Colophon.
- Boydston, Amber *et.al* (2013), "Identifying Media Frames and Frame Dynamics Within and Across Policy Issues", comunicação apresentada na conferência anual *Council for European Studies*, de 25 a 27 de Junho de 2013, Amesterdão.
- Brannen, Julia (1992), *Mixing Methods: Qualitative and Quantitative Research*, USA, Ashgate Publishing Company.
- Brewer, Paul e Lee Sigelmann (2002), "Political Scientists as Color Commentators - Framing and expert commentary in media campaign coverage", *Press/Politics*, 7 (1), pp.23-35.
- Bryman, Alan (2012), *Social Research Methods*, Oxford, Oxford University Press (4ª edição) (Edição original, 2001).
- Cintra Torres, Eduardo (2013), *A Multidão e a Televisão*, Lisboa, Universidade Católica de Lisboa, Estudos de Comunicação e Cultura.
- Cruz, Carla (2008), *A Telerealidade: Uma Abordagem Hermenêutica da Construção Social da realidade pela Informação Televisiva de Actualidade*, Lisboa, UTL/ISCSP.
- Debord, Guy (1994), *The society of the spectacle*, Nova Iorque, Zone Books (Edição original, 1967).
- De Vreese, Claes (2005), "News framing: Theory and typology", *Information Design Journal*, 13 (1), pp.51-62.
- Druckman, James (2009), "What's it all about?: Framing in Political Science", em Gideon Keren, *Perspectives on Framing*, New York, Psychology Press/ Taylor&Francis.
- Entman, Robert (1993), "Framing toward clarification of a fractured paradigm", *Journal of Communication*, 43 (4).
- Figueiras, Rita (2005), *Os Comentadores e os Media: Os autores das colunas de opinião*, Lisboa, Livros Horizonte.
- Habel, Philip (2012), "Following the opinion leaders? The dynamics of influence among media opinion, the public, and politicians", *Political Communication*, 29 (3), pp.257-277.
- Jamieson, Kathleen e Joseph Cappella (1997), *Spiral of Cynicism - The press and the public good*, Nova Iorque, Oxford University Press.
- Katz, Elihu e Paul Lazarsfeld (1955), *Personal Influence*, Nova Iorque, Free Press.
- Kepplinger, Hans (1994) "Publizistische Konflikte", em Friedhelm Neidhart (org.), *Öffentlichkeit, Öffentliche Meinung, Soziale Bewegungen*, Opladen, Westdeutscher Verlag, citado por Peter Vasterman (2005), "Self-reinforcing news waves, Journalistic Standards and the Construction of Social Problems", *European Journal of Communication*, 20 (4), pp. 508-530.

- Kepplinger, Hans e Johanna Habermeier (1995), "The impact of key events on the presentation of reality", *European Journal of Communication*, 10 (3), pp.371-390.
- Lane, Richard (2000), *Jean Baudrillard*, Londres, Routledge.
- Lasswell, Harold (1948), "The structure and function of communication in society", em Lyman Bryson (org.), *The communication of ideas*, Nova Iorque, The Institute for Religious and Social Studies.
- Lippmann, Walter (1991), *Public Opinion*, Nova Jersey, Transaction Publishers (Edição original, 1922).
- Lopes, Felisbela e Hália Santos (2011), "Os comentadores residentes da televisão portuguesa", em Felisbela Lopes (org.), "A TV dos jornalistas", Braga, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho.
- Macnamara, Jim (2005), "Media content analysis: Its uses, benefits and Best Practice Methodology", *Asia Pacific Public Relations Journal*, 6 (1), pp.1-34.
- Mayring, Philipp (2000), *Qualitative inhaltsanalyse. Grundlagen und Techniken*, Weinheim, Psychologie Verlags Union, em Macnamara, Jim (2005), "Media content analysis: Its uses, benefits and Best Practice Methodology", *Asia Pacific Public Relations Journal*, 6 (1), pp.1-34.
- McCombs, Maxwell e Donald Shaw (1972), "The agenda-setting function of mass media", *Public Opinion Quarterly*, 36 (2), pp. 176-185.
- McCombs, Maxwell e Donald Shaw (1993), "The evolution of agenda-setting research: Twenty-five years in the marketplace of ideas", *Journal of Communication*, 43 (2), pp.58-67.
- McCombs, Maxwell (1997), "New frontiers in agenda-setting: Agendas of attributes and frames", comunicação apresentada na convenção anual da AEM, Chicago, citado por Dietram Scheufele (2000), "Agenda-setting, priming and framing revisited: Another look at cognitive effects of political communication", *Mass Communication & Society*, 3 (2&3), pp.297-316.
- McQuail, Denis (1997), *Audience Analysis*, Londres, Sage Publications, citado por Jim Macnamara (2006), *The Role and effects of mass media in modern societies*, Londres, Palgrave Macmillan.
- Neuendorf, Kimberly (2002), "The Content Analysis Guidebook", *Sage Publications*.
- Noelle-Neumann, Elisabeth e Rainer Mathes (1987), "The 'event as event' and the 'event as news': The significance of 'consonance' for media effects research", *European Journal of Communication*, 2, pp.391-414.
- Noelle-Neumann, Elisabeth (1993), *The spiral of Silence*, Chicago, The University of Chicago Press.
- OberCom, *A internet em Portugal: Sociedade em Rede 2014*, Lisboa, Publicações OberCom.
- Page, Benjamin e Robert Shapiro (1992), *The rational public: fifty years of trends in American's policy preferences*, Chicago, The Universe of Chicago Press.
- Scheufele, Dietram A. (2000), "Agenda-setting, priming and framing revisited: Another look at cognitive effects of political communication", *Mass Communication & Society*, 3 (2&3), pp.297-316.
- Semetko, Holi e Patti Valkenburg (2000), "Framing European Politics: a content analysis of press and television news", *Journal of Communication*, 50 (2), pp.93-109.
- Shoemaker, Palmela e Steve Reese (1996), *Mediating the message: theories of influences on mass media content*, Nova Iorque, Longman, citados por Jim Macnamara (2005), "Media content analysis", *Asia Pacific Public Relations Journal*, 6 (1), pp.1-34.

- Thompson, John (1995), *The Media and Modernity: A social theory of the media*, Stanford University Press, citado por Peter Vasterman (2005), "Self-reinforcing news waves, Journalistic Standards and the Construction of Social Problems, *European Journal of Communication*, 20 (4), pp. 508-530.
- Van Gorp, Baldwin (2005), "Where is the frame? Victimes and intruders in the belgian press coverage of the asylum issue", *European Journal of Communication*, 20 (4), pp.484-507.
- Van Gorp, Baldwin (2010), "Strategies to take subjectivity out of framing analysis", em Paul D'Angelo e Jim Kuypers (orgs.), *Doing news framing analysis: Empirical and theoretical perspectives*, Nova Iorque, Routledge.
- Vasterman, Peter (2005), "Self-reinforcing news waves, Journalistic Standards and the Construction of Social Problems, *European Journal of Communication*, 20 (4), pp. 508-530.
- Wolf, Mauro (1987), *Teorias da Comunicação*, Lisboa, Editorial Presença.

## ANEXOS

### ANEXO A. Grelha de Análise:

Tendo em conta que os programas são semanais, cada ficha destas foi utilizada em cada semana para os dois programas em análise.

SEMANA X:
-----------

Assuntos	
1) Eixo	..., ..., ...
2) Prova	..., ..., ...

		Eixo do Mal (dd/mm)					Prova dos 9 (dd/mm)			
		Aurélio	Clara F. Alves	Daniel Oliveira	Luis P. Nunes	Pedro M. Lopes	Constança	Fernando Rosas	Francisco Assis	Paulo Rangel
	<b>Substância</b>	Comentário ao conteúdo do acontecimento concreto								
<b>Generalização</b>	<b>Jogo-estratégia</b>	Comentário a tática e estratégia: referências a combate								
		Comentário a sondagens e dinâmicas de vitória/derrota								
	<b>Caract. pessoal</b>	Comentário a competência: experiência e liderança								
		Comentário ao carácter: ética, coragem e integridade								
<b>Auto-referência</b>		Comentário sobre os media								
		Comentário a notícias e opiniões mediadas sobre o assunto								

**ANEXO B.** Quadro de citações selecionadas entre 26 de Março e 2 de Maio.

Comentários Substância	Comentários Generalização	Comentários Autorreferenciais
<b>Assunto: Listas VIP de contribuintes</b>		
"os procedimentos para aceder [aos dados] são completamente informais"; "não há gestão de perfis para saber quem acede ao quê e porquê"	"se nós nos lembrarmos dos problemas das escutas em Portugal..."; "toda a gente se lembra dos escândalos dos serviços secretos"	"O seu artigo desta semana foi alvo de críticas..."; "eu li o artigo do Francisco, como de resto sempre o faço, e li também o do Miguel..."; "eu critico o artigo do Francisco quanto à forma e quanto ao conteúdo"; "
<b>Assunto: Candidaturas presidenciais (I)</b>		
"eu não sei o que é que ele pensa sobre o país"; "tem de mostrar quais são as suas ideias e convicções"	"a candidatura é uma invenção do Dr. Soares, o <i>presidentmaker</i> " (jogo); "não tem notoriedade nem estatuto" e "não tem nenhuma experiência política" (personalização)	"as reações de <i>opinion makers</i> do Partido Socialista na televisão"; "o Deus do Partido Socialista [Augusto S.Silva] veio dizer que"; "dada a confusão que existe em Portugal entre agentes políticos e comentadores, porque uns são outros"
<b>Assunto: Eleições na Madeira</b>		
---	---	"terça-feira foi uma noite de televisão maravilhosa"; "as televisões colocam os comentadores todos a comentar o fim da maioria absoluta do PSD"; "Na hora seguinte vêm outros comentadores comentar"
<b>Assunto: Listas de abusadores sexuais</b>		
---	"Esta ministra não vale nada" (personalização); "a política mais rasca que se pode fazer é tentar ganhar votos através de assuntos de enorme sensibilidade"	"um trabalho do DN feito pela jornalista Fernanda Cândia"; "os comentadores têm um papel central porque não há oposição"; "basta abrir os jornais e está lá tudo"; "tenho visto no facebook uma comentários.."
<b>Assunto: Candidaturas presidenciais (II)</b>		

---

"nesta altura não se devem ignorar as presidenciais (...) é má estratégia e dá maus resultados"

"Ferro Rodrigues fez esta semana um comentário sobre o seu [Francisco Assis] artigo no jornal"; "(...) a vantagem dos candidatos com tempo da antena semanal na TVI"; ""saiu aqui há dias um artigo do João Taborda da Gama"; "confusão absoluta entre legislativas e presidenciais em que há comentadores dos comentadores "

---

Assunto: Grécia

"eu não sei se é bom ou mau para a Grécia sair ou ficar no euro"; "se a expulsarem da UE é o princípio do desmembramento da UE"

"eu não sei se estamos a assistir a uma pressão, ou seja se isto está a ser transpirado para a comunicação social para ser uma pressão"; "é páscoa, é uma boa ocasião para fechar bancos"

"esta morte da Grécia dentro da UE foi decretada pelo Wall Street Journal"; "eu não concedo ao WSJ o poder de vir decretar quem é que deve ficar dentro ou fora, era o que faltava (...) eu não fico assim tão impressionada com as notícias, o que é que me interessa o que diz um jornal do senhor Murdock sobre o que quer que seja atendendo que [este] grupo cometeu talvez os piores atos contra a palavra jornalismo de que há memória na história do jornalismo"

---

Assunto: Greve dos Pilotos TAP

"parece uma posição muito oportunista dos pilotos (...) querem maximizar a sua participação"; "prejudica a TAP"

"a política do governo..."; "o governo, ao insistir na privatização em vésperas de mudanças eleitorais"; "a retórica do governo está a tentar responsabilizar o sindicato (...) essa responsabilização é abusiva"; "o governo está a tentar tirar vantagens políticas"

"ninguém aparece a num debate na televisão"; "há pouco tive oportunidade de ouvir em direto aqui o jornal da TVI"; "a unanimidade do espaço público e dos comentadores sobre o assunto"

---

Assunto: Plano de estabilidade do Governo

"como é que se fala da falta de sustentabilidade da segurança social e depois na diminuição da TSU?"; "o governo anda a tentar a liquidação da segurança social"

"o partido socialista é uma verdadeira alternativa"; "a prudência de o PS não se ter precipitado e ter preferido conduzir um estudo que será apresentado para a semana"; "os portugueses vão poder escolher, com conhecimento de causa" (jogo)

"estive a ouvir ali a parte final da Dr<sup>a</sup> Ferreira Leite"; "outra questão que referiu há pouco no seu comentário [noutro programa]"; "como disse a Manuela Ferreira Leite há bocado, ela hoje vai ser muito citada se calhar"

---

Assunto: Propostas do PS

---

"há um discurso alternativo"; "há um aspeto em que, ponto de vista tático, falha"; "o PS vem jogar no mesmo terreno que o governo joga"; "austeridade suave"; "a descida da TSU para os patrões significa que..."

"quem marca o ponto no qual a discussão política deve ser feita é a maioria e a coligação"; "um regresso ao passado"; "há quem fale em eleitoralismo"; "este governo é que é uma Troika depois da Troika" (estratégia); "não querem discutir a substância

"a conferência de imprensa do PS foi 10 minutos depois da conferência de imprensa do PS"; "é natural haver uma primeira reação com base nas notícias"; "todos os jornalistas fazem-no"; "quantas vezes não foi obrigado a comentar em direto sem ter lido, chama-se reação na hora"; "reação na hora é o que se faz todos os dias nos telejornais"; "as notícias nos jornais de que o PS virou à esquerda"

---

---

## ANEXO C. ANOVA agregada

ANOVA		
	F	Sig.
Comentários autorreferenciais	1,287	,264
Comentários substância	2,134	,153
Comentários generalizacao	,495	,486

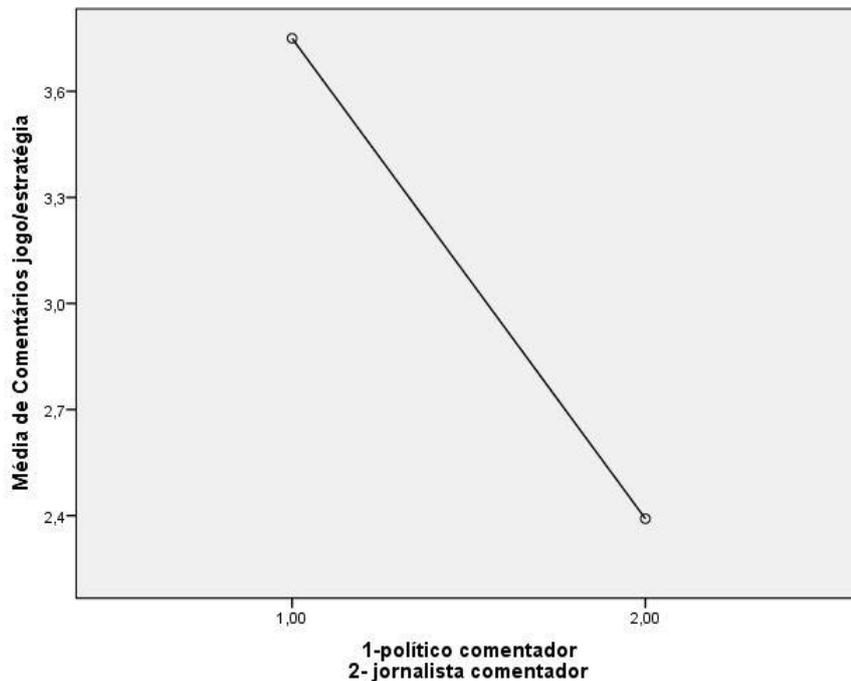
Tendo em conta que todos os níveis de significância são superiores a 0,05 ( $p > 0,05$ ), não se rejeita  $H_0$  (hipótese nula que refere não haver diferenças significativas entre os grupos analisados), o que significa que o tipo de comentador não gera diferenças significativas na preferência por um ou outro quadro: tanto políticos comentadores como comentadores políticos têm a mesma tendência.

## ANEXO D. ANOVA desagregando os comentários generalização.

ANOVA		
	F	Sig.
Comentários autorreferenciais	1,287	,264
Comentários substância	2,134	,153
Comentários jogo/estratégia	7,123	,011
Comentários personalização	1,938	,172

Ao desagregar os comentários generalização, encontra-se um valor de  $p$  inferior a 0,05, o que permite rejeitar  $H_0$  no caso dos comentários jogo-estratégia. Neste caso, há diferenças significativas entre o tipo de comentadores sobre o uso de comentários jogo-estratégia, enquanto a preferência por opinião baseada na personalização não difere entre políticos e jornalistas comentadores. A análise do gráfico seguinte permitiu identificar onde estão essas diferenças.

#### ANEXO E. Média de comentários jogo/estratégia consoante o tipo de comentador



<b>Média de comentários jogo-estratégia</b>	
Político comentador	Jornalista Comentador
3,8	2,3

## INFORMAÇÃO PESSOAL



## Tomás Pinto Pereira Muelle Goldstein

📍 Rua Professor Simões Raposo, 20, 8B, Lisbon, Portugal

☎ 217152797 📠 915143993

✉ [tomasgoldstein@hotmail.com](mailto:tomasgoldstein@hotmail.com)

Sexo M | Data de nascimento 01/07/1992 | Nacionalidade Portuguesa

## EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

De Setembro 2014 até Abril 2015

### Direcção de Informação: Agenda e Planeamento - Estágio

Grupo Media Capital, TVI

- Recolha, filtro e hierarquização de informação
- Selecção e agendamento de acontecimentos
- Planeamento de reportagens e notícias
- Propostas de temas e convidados

Tipo de empresa ou sector de actividade Sector Privado

De Setembro 2013 a Julho 2014

### Serviços de Assessoria, Concepção e Avaliação - Estágio

GMCS - Gabinete para os Meios de Comunicação Social

- Políticas Públicas da Comunicação Social
- Recolha de Informação, investigação e elaboração de relatórios
- Projecto Media e Deficiência
- Projecto Literacia Mediática

Business or sector Administração Pública

De Abril 2014 até ao presente

### Editor - Membro do Conselho - Sem Remuneração

IAPSS (Associação Internacional de Estudantes de Ciência Política)

- Contacto com editoras
- Gestão de bases de dados
- Aconselhamento e supervisão
- Revisão de textos

Business or sector Associações Internacionais

De Março 2014 até ao presente

### Colunista/Cronista - Sem Remuneração

MaisOpinião

- Redacção de crónicas semanais
- Assessoria e definição de Objectivos

Business or sector Sector Privado

- De Setembro 2013 até Fevereiro 2014 **Investigador Assistente - Sem Remuneração**  
Laboratório de Ciências da Comunicação do ISCTE-IUL
- Análise e recolha de dados
  - Codificação de variáveis e análise estatística com SPSS
  - Projectos de Investigação: Jornalismo e Sociedade; Eleições Locais 2013
- Business or sector** Academia
- De Julho 2013 até ao presente **Gestor das redes sociais e comunicação - Sem Remuneração**  
Wines 9297
- Comunicação e imagem
  - Textos e notas de agenda
  - Definição de prioridades
- Business or sector** Comércio a Retalho
- De Julho 2010 a Junho 2011 **Trabalhador Ocasional: Freelancer**  
FCT - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa
- Contabilidade e secretaria
  - Organização de documentos e dados (ajudas de custo e outros)
  - Trabalho intensivo com Microsoft Office Excel
- Business or sector** Academia
- Junho/Julho 2008 **Estágio Curta Duração - Formação**  
JWT Thompson
- Departamento de Contacto e Departamento Criativo
  - Idealização e elaboração de campanhas e eventos
  - *Copywriting*
- Business or sector** Sector Privado: Agência de Comunicação

## EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

---

- De Setembro 2013 a Junho 2015 (previsto) **Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação**  
ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa
- Ramo: Comunicação e Política
  - Principais áreas: Media e Opinião Pública, Práticas Discursivas, Teorias em Media e Comunicação, Comunicação Política, Marketing Político, Política e Regulação dos Media, entre outros.
  - Média actual: 17.3 valores
- De Outubro 2012 a Março 2013 **Erasmus (Semestre fora)**  
Freie Universität Berlin, Alemanha
- Métodos de Investigação, Relações Internacionais, Política Comparada, Estudos de paz e conflito, Escrita de textos.
- De Setembro 2010 a Julho 2014 **Licenciatura em Ciência Política**  
ISCTE-IUL Instituto Universitário de Lisboa
- Métodos de Investigação (extensivos e intensivos), Análise de Dados (Descritiva, Inferencial, Modelos Dependência, Multivariada), Teoria Política, Instituições Políticas, Ética, Sistemas Políticos, Psicologia Social, entre outros
  - Média final: 17 valores (Prémio "Melhor aluno da Licenciatura")
- De Setembro 2002 a Maio 2010 **Abitur**  
Escola Alemã de Lisboa

- Línguas (Alemão, Inglês, Francês)
- Nota final de candidatura ao Ensino Superior: 18 valores

## COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Língua Materna Português

Outras Línguas	COMPREENDER		FALAR		ESCREVER
	Compreensão Oral	Leitura	Interação Oral	Produção Oral	
Inglês	C1	C1	C1	C1	C1
ABITUR e TOEFL (score: 110)					
Alemão	B2	C1	B2	B2	C1
ABITUR					
Francês	B2	B2	B2	B2	B2
Frequência na Escola Alemã					
Espanhol	C1	C1	B2	B2	B2
Família e ISCTE					

Níveis: A1/2: Utilizador básico - B1/2: Utilizador independente - C1/2 Utilizador avançado  
Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas

- Competências de comunicação**
- Espírito de equipa adquirido em actividades extracurriculares e na experiência profissional com estágio em *open space*.
  - Boas ferramentas de comunicação adquiridas durante a participação em fóruns de discussão, campanhas, trabalhos de grupo, Gabinete para os Meios de Comunicação Social e Redacção.
  - Capacidade de interação e relacionamento interpessoal, iniciativa, autonomia e elevado sentido de responsabilidade.
- Competências de gestão e organização**
- Capacidade para gestão de conflitos e reflexão.
  - Planeamento de actividades, de debates e gestão de recursos humanos adquiridos enquanto membro do Núcleo de Alunos de Ciência Política e ex-membro da Sociedade de Debates de Lisboa.
  - Filtro e hierarquização de informação tendo gerido a informação presente numa redacção de televisão.
- Competências de trabalho**
- Versatilidade e adaptabilidade a diferentes tipos de tarefas (experiência prévia na área das finanças e desempenho de diferentes funções no GMCS).
- Competências informáticas**
- Excelentes conhecimentos das ferramentas do Microsoft Office (Word, Excel, PowerPoint)
  - Muito bons conhecimentos do programa de estatística PASW-Statistics (IBM SPSS).
- Outras Competências**
- Sentido crítico e competências a nível da escrita.
  - Capacidade de adaptação a diversas culturas e ambientes multiculturais devido a frequência na Escola Alemã, Erasmus, viagens e realidade multicultural na família
  - Propostas de novas ideias e ângulos de visão; ex.: reportagens e coberturas mediáticas

Carta de Condução ▪ B

## INFORMAÇÃO ADICIONAL

---

- Projectos**
- Eurodeputado na “European Model Parliament 2009”, organizado pelo Instituto de Estudos Políticos da Universidade Católica Portuguesa.
  - Organização das Jornadas de Ciência Política no ISCTE-IUL em 2011.
  - Organização da Sociedade de Debates de Lisboa (agora extinta)
  - Preparação do Colóquio Media e Deficiência 2013

- Distinções e Prémios**
- Prémio de Excelência Académica “As melhores notas de ingresso” em 2010: 18 valores na candidatura à Universidade (ISCTE-IUL)
  - Prémio de Excelência Académica “As melhores notas frequência” em 2010/2011: 17 valores
  - Prémio Caixa Geral de Depósitos “Melhor Aluno Finalista da Licenciatura em Ciência Política”: 17 valores, média final de curso

- Associações**
- Núcleo de Alunos de Ciência Política (2010-2013)
  - Grupo de Estudantes da Social- Democratas (2010/2011)
  - Associação Internacional de Estudantes de Ciência Política (2013-)